Blumenau em Cadernos

TOMO X - ✶ SETEMBRO/OUTUBRO DE 1969 ★ - Nº. 9/10

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

CANTO DOS COOPERADORES

ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS SEGUINTES COOPERADORES:

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Blumênau em Cadernos

TOMO X - ✶ SETEMBRO/OUTUBRO DE 1969 ★ - Nº. 9/10

MEMÓRIAS DE MAX BRUECKHEIMER

Nascido na linha colonial de Fidélis, no interior de Blumenau, Max Brueckheimer, filho do imigrante alemão Jacob Brueckheimer, faleceu há poucos meses nesta cidade, em avançada idade. Apesar de pouco letrado, era homem inteligente, honesto e trabalhador. Pouco tempo antes do seu falecimento, resolveu escrever as suas memórias. E o fêz em dois cadernos, numa linguagem simples, como modesta e simples fôra a sua vida.

*Traduzindo para os leitores de "**Blumenau em Cadernos**", as memórias desse colono blumenauense, fizemo-lo com a preocupação de não tirar nada da adorável singeleza com que foram escritas, no alemão usado pela boa gente da zona rural de Blumenau.*

Estamos certos de que os nossos leitores hão de deliciar-se com as ingênuas narrações de Brueckheimer, ingênuas mas que retratam, à perfeição, o dia a dia de uma família de colonos, das muitas espalhadas pelas inúmeras "tifas" que cortam o interior blumenauense em tôdas as direções.

Os meus avós, Andreas Brueckheimer e sua mulher, nascidos em Gersheim, no Reno, emigraram, juntamente com os seus filhos Inês, Nicolau e o meu pai, Jacob, que era o mais môço, no ano de 1858, para o Brasil. Um seu filho, Georg, havia emigrado, anteriormente, para a América do Norte, enquanto um dos filhos, João, permaneceu na Alemanha.

Meus avós chegaram em Destêrro (hoje Florianópolis) depois de 96 dias de viagem em um veleiro. De lá, êles foram, primeiramente, para Teresópolis onde lhes foi destinado um lote colonial e onde êles, com novas fôrças e coragem, puzeram-se a trabalhar como colonos.

Entretanto, não era lá que estava o seu destino, pois mais ou menos, depois de dez anos, morreu minha avó e o meu avô voltou para a Alemanha. Nesse meio tempo, minha tia Inês, já estava casada com Jacob Morsch e o casal havia se mudado para Blumenau, onde comprou um lote em Selketal. Quando meu avô regressou à Alemanha, também meu pai deixou Teresópolis e, a pé, foi para Blumenau. O meu tio Nicolau comprou um lote colonial em Rio do Têsto, onde êle se casou e passou a cultivar o seu sítio.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Certa noite, meu pai bateu à porta de meu tio Morsch e perguntou por êle que, admirado, exclamou: "És tu, Jacob, ou é o teu espírito?". Pois, naquele tempo a viagem, que fizera era das mais difíceis; os caminhos e os rios estavam freqüentemente interrompidos e impassáveis. Mesmo assim, foi grande a alegria quando os irmãos e o cunhado se encontraram em plena mata virgem. Meu pai auxiliou nas derrubadas e nas plantações.

Realmente, aquêles foram tempos bem duros; era preciso fazer as pastagens, arranjar o gado, fazer cêrcas e muita coisa mais; tinha-se que sustentar outras lutas. Naquele tempo, havia em Selketal muitos tigres que freqüentemente causavam grandes prejuízos às criações, principalmente entre os porcos, carneiros, galinhas e outras aves; até bezerros eram prêsas dos tigres. As galinhas, seguidamente, eram vítimas das aves de rapina e das jaguatiricas até que anos depois arranjaram-se bons cães que ajudaram na luta contra os rapinantes. Foi assim que meu pai e meu tio, em um ano apenas, mataram 4 tigres. Naturalmente, havia também muita caça útil, como porcos selvagens, veados, pacas, cotias e muitas espécies de aves, como macucos, jacutingas, tucanos, jacus-assu e outras, de sorte que nunca lhes faltava carne, pois meu tio e meu pai eram bons caçadores e de boa pontaria. Meu pai tinha, na sua mocidade, uma pistola de dois canos, de 50 centímetros de comprimento e com a qual êle derrubava uma jacupemba da mais alta árvore. Essa arma êle ainda a possuia quando eu era criança. Meu tio Morsch sempre ficava satisfeito quando Jacob chegava com muita caça, pois a família crescia de ano para ano. Meu pai ficou em casa de sua irmã Inês até aos 23 anos. Depois êle adquiriu um lote no Rio do Têsto, vizinho do Tio Nicolau, onde êle começou a plantar, construiu a casa e adquiriu cabeças de gado. Quando andava pelos seus 25 anos de idade, casou-se com minha mãe e passou a morar naquele lote de terras. Meu tio e minha tia eram também muito ambiciosos e tiveram grande descendência. Ainda hoje se encontram, por tôda a região, filhos, netos, bisnetos e tataranetos, em Blumenau, Rio do Sul, Selketal, Velha, na Mulda. Também das filhas de tio Jacob e de tia Inês há muitos dos quais nem sei mais os nomes. Apenas sei que minha prima Catarina casou-se com Eduardo Duwe que também teve grande descendência. Moraram primeiramente em Encano (Cannabach) e tinham uma casa de negócio. Dos Morschs a maioria se encontra em Massaranduba e também estão muito prósperos, com grandes plantações de arroz, como Erich Morsch que além dos seus grandes arrozais possui de 150 a 170 gansos e muito gado.

Assim, do casal Jacob Morsch e Inês Brueckheimer vem uma descendência abençoada que, desde 1868 vem se multiplicando; todos têm concorrido para a nossa querida pátria, o Brasil, para o nosso Estado de Santa Catarina e para o nosso querido pedacinho de terra, Blumenau, pelo seu prestígio e pelo seu bem estar. Queira o bom Deus fortalecer sempre mais o nosso govêrno para que não diminua nunca a fé que nêle temos.

Da parte de minha mãe:

Pelo ano de 1862 emigraram Henrique Kremer e sua espôsa Catarina Müller com os seus cinco filhos para o Brasil. Os filhos chamavam-se Alberto, Joana, Ana, Max e Luiz Kremer. Seu torrão natal foi Kerrloch bei Woghäusel, em Baden. Nesse ano, Joana tinha cinco anos. Depois de 120 dias de viagem de navio a vela chegaram a Destêrro e, de lá, foram encaminhados para Blumenau, onde, primeiramente permaneceram no Barracão de Imigantes. Dali foram para a sua sorte de terras no Rio do Têsto, no lugar Badenfurt. Ali o meu avô Henrique Kremer trabalhou como agricultor, com os filhos mais

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

velhos, e minha avó, que era parteira diplomada na Alemanha, era conhecida em tôda parte e era sempre chamada para os mais longínquos recantos da Colônia. Muitas vêzes tinha que ir horas inteiras a pé; muitas vêzes os colonos já lhe traziam um cavalo ensilhado, para que ela pudesse ir cavalgando. Não raro ia com a escuridão da noite, com mau tempo e piores caminhos, atravessando riachos e montes.

Sim, aquêles eram tempos bem duros para o exercício de tal encargo, mas ela alegrava-se com isso e sentia-se feliz sempre que um nôvo ser vinha ao mundo, alegrar algum casal, num parto bem sucedido. Ricos ou pobres, para ela eram iguais. Minha mãe me contou que, muitas vêzes, minha avó voltava com 800 réis, pagos por gente que não tinha nem os 1$300 do preço de uma só vez. Em tôda parte ela era querida e todos falavam bem da "parteira Kattel".

De meu avô e de seus filhos que já estavam esquecidos, pouco se ouvia, pois êles viviam a maior parte do tempo no trabalho. O meu tio Alberto Kremer trabalhava com os agrimensores que, muitas vêzes, ficavam meses inteiros no mato. Êle era muito atento e, por isso, também aprendeu a agrimensura que êle, mais tarde, exerceu por sua conta e da qual depois nós falaremos ainda.

Meu tio Luiz Kremer, mais tarde viajou no navio de rodas "Progresso" para Itajaí e lá, já como noivo, apanhou a febre amarela e morreu. Dêle eu não sei mais nada, porque não o conheci pessoalmente.

Minha mãe, que era a caçula, freqüentou a escola em Badenfurt. Por êsse tempo; morava com meus avós, em Badenfurt, o menino Lauro Müller, que freqüentava a escola juntamente com minha mãe, pois êle era um parente distante de minha avó, parentesco que eu não sei explicar, nem se êle era órfão ou não. Em todo caso, os seus primeiros anos de escola passou-os em Badenfurt. Depois êle foi para Itajaí e Destêrro (Florianópolis) e a sua carreira foi em ascenção. Sempre que êle vinha a Blumenau, visitava os meus pais, e presenteava-nos a nós, crianças, e bem assim a meu pai e minha mãe. Foi nos anos de 1908 e 1912 que êle visitou meus pais e levou consigo o meu irmão Francisco para o Rio de Janeiro. O grande ministro Lauro Müller disse à minha mãe: Quero o teu filho como meu homem de confiança no Palácio do Itamarati e eu hei de tomar boa conta dêle. Mas depois não tive outras notícias dêsse grande estadista nem êle veio mais a Badenfurt, do nosso querido Blumenau.

Com o decorrer dos anos, a minha tia Ana casou-se com João Vogel, e comprou um sítio perto de Passo Manso, um pouco acima de Badenfurt e ali construiu o seu lar. Mas a sorte não lhe foi favorável. Primeiramente a alegria foi grande. Em casa já havia três belas e sadias crianças. Certa noite a infelicidade lhe entrou em casa. Lá fora, no escuro, as galinhas faziam grande alarido. Tio João pulou da cama, tomou da pistola e correu até o galinheiro, onde um enorme gambá atacava as galinhas. Êle quiz atirar, mas a pistola negou fogo. O animal tentou escapar. Ràpidamente meu tio tomou a pistola pelo cano e, com a coronha, deu um golpe no animal. Que pavor! A arma detonou e tio João ficou gravemente ferido na garganta. O sangue jorrou. Êle correu para o quarto, onde sua espôsa desmaiou de susto. Mas, voltando a si pouco depois, pensou como pôde o ferimento e gritou pelos vizinhos que levaram meu tio ao médico. Qual foi o médico eu não sei dizer. Talvez fôsse já o Dr. Engelke, e como os vizinhos o levaram até lá, também não sei. Êle escapou, mas ficou com a cabeça torta. Êle fôra sempre um homem valente e de presença de espírito. Minha mãe contou-me que, certa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

vez, quando êle estava derrubando a capoeira num declive, atacou-o uma jararacuçu e êle não viu outra maneira de defender-se que segurar o réptil pelo pescoço. O animal enroscou-se tão fortemente em seu braço que êle teve que segurá-lo também com a outra mão e assim chegou em casa, onde estava o tio Max que torceu o pescoço da cobra e desenrolou-a do braço sem que ela lhe tivesse feito algum mal.

Mas a infelicidade continuou a perseguir meu tio. Pouco depois morreu-lhe a mulher e êle ficou só, com as três crianças. Estas foram mandadas, por um tempo, para a casa de minha avó, para que ela as cuidasse.

Depois de um ano, meu tio casou-se, novamente, com uma môça de Indaial; vendeu o seu sítio em Passo Manso e mudou-se para o atual Caminho das Areias, que depois se chamou também Polaquia. Os filhos voltaram para a sua companhia e êle formou uma grande família com muitos descendentes que se espalharam por muitas partes e que, de um modo geral, estão em boa prosperidade.

Êle mesmo morreu em idade avançada, como um excelente chefe de família e pioneiro da mata virgem, não sabendo-se, porém, quase nada a seu respeito.

A terra de Blumenau o cobre e nela êle encontrou a paz.

O meu avô Henrique Kremer, quando ainda na Alemanha, tinha uma ferida na perna que lá êle não pôde curar. Depois que êle já estava muitos anos aqui no Brasil, a ferida sarou, mas êle perdeu a visão. E então entrou a tristeza em casa do avô cego. A avó estava quase sempre fora de casa, ocupada no seu ofício de parteira. Entretanto, todos se conformavam com a vontade de Deus. Aliás, meu avô Kremer era um homem temente a Deus e, logo que chegou a Blumenau, construiu para si mesmo um pequeno altar diante do qual, tôdas as noites, antes de recolher-se ao leito, êle se ajoelhava e rezava.

Uma noite, quando todos já tinham ido dormir, sob a fraca claridade de uma luz, êle ajoelhou-se diante do altar e começou a rezar; minha mãe, que há muito já estava deitada, chamou por êle, para que viesse para a cama. Êle, porém, não respondia. Minha avó levantou-se para buscá-lo. Encontrou-o caído, dobrado para a frente diante do seu altar. Estava morto. Morrera tranqüilamente.

Em casa, estavam minha mãe, Joana Kremer e o meu tio Max Kremer. A tristeza os invadira. Tinham que tomar uma decisão. Todos os filhos se reuniram e depois de se aconselharem mùtuamente, foi decidido que, nos próximos dias, Alberto Kremer viria morar com a mãe. Meu avô foi enterrado em Badenfurt.

Tio Alberto era casado com Elvira Bader e morava, até então, com o seu sogro no Rio do Têsto. Êle possuia um sítio em Fidélis. Mas era necessário antes derrubar o mato, plantar pastos e construir a casa. Enquanto isso fôsse sendo feito, êle permaneceria com minha avó.

Minha mãe foi como pagem para a casa de Pedro Schmidt, em Poço Grande, um pouco abaixo do Gaspar. Minha avó tinha ido, muitas vêzes, à casa de Pedro Schmidt, como parteira e Joana foi muito bem recebida e querida na casa do mesmo Schmidt e ali permaneceu por muitos anos até que Max Kremer se casou com Regina Friese. Então minha avó foi buscá-la,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

pois, planejava ir passar um ano na Alemanha e queria que a sua filha mais môça, que já estava com 19 anos, ficasse no seu lugar, como parteira. Ela, de fato aprendeu logo o ofício e em breve o trabalho era dividido entre as duas.

Max Brueckheimer autor destas "Memórias", e sua espôsa, no dia em que festejaram suas bodas de ouro. Max faleceu em Blumenau, em 5 de agôsto de 1968 sendo precedido na morte por sua espôsa, que deixou esta vida em 18 de fevereiro de 1966.

Entretanto, Joana conheceu, também, um môço muito prestativo que se chamava Jacob Brueckheimer. Êste possuia uma casa em Rio do Têsto, com um belo sítio, uma excelente mula com belos arreios. Namoraram-se, noivaram e, depois de um ano, teve lugar o casamento. O jovem par mudou-se para o sítio do Rio do Têsto. Minha avó vendeu o seu lote de terras e mudou-se para a companhia do seu filho Alberto, em Fidélis, pois, ela planejava empreender logo a viagem à Alemanha. Ela queria ainda rever o seu filho mais velho, Felipe e a sua família. Êle era alto funcionário na fábrica de açúcar de Woghäusel e prometera à minha avó dar-lhe o dinheiro da passagem. E, realmente, ela viajou no ano de 1880 para a Alemanha e ali assistiu o casamento do seu neto mais velho, isto é, o primogênito de seu filho Felipe.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Ela ficou lá um ano inteiro. Queria que o filho e a família viessem em sua companhia para Blumenau. Mas êle tinha lá um bom emprego e sua mulher foi contra a mudança. Minha avó regressou no ano de 1881 para Blumenau e com ela vieram outros alemães de Kirrlach, em Baden, que depois se estabeleceram em Blumenau. Diversos vieram para Fidélis. Êsse lugar depois foi sempre conhecido por "Linha dos Badenses" (Badenser-Tiefe), porque ali viviam muitos badenses, alegres e felizes. Também minha avó Kremer ali morava com o seu filho Alberto, pois este construira uma bela casa de madeira. Como Alberto tinha que ficar fora, muitas vezes por meses inteiros, em função do seu trabalho de agrimensor, minha avó podia fazer companhia à senhora Elvira que, de outra forma, teria que ficar sòzinha com os filhos, que aumentavam de ano para ano. Meu tio Alberto dizia que eles cresciam como a grama nos campos. Êle sempre foi um homem alegre e bem disposto e era estimado em tôda parte. Era capaz de ficar dias e noites seguidas cantando e representando nas sociedades, sem o mínimo cansaço. Para os seus empregados nas medições, ele era um pai e todos os trabalhadores lhe queriam muito bem e de boa vontade entravam nas matarias mais profundas, sob as piores condições. À noite, cantava-se por horas inteiras e ele recitava a canção:

"Waldleute sind lustige Brüder
Haben immer frohen Mut
Ja, sie greifen nach den Waffen
Fangen tapfer an zu schaffen
Bis die Pikade ist gemacht
Bis die Pikade ist gemacht
Trallalaah, trallalah
Lustig steht der Waldmann da! etc.

Êle costumava dizer: O bom Deus nos jogou no mato, mas êle nunca nos abandonou e nós sempre passamos bem.

Assim passaram-se meses e meses, anos e anos. A Colônia Blumenau crescia ràpidamente, apesar das muitas contrariedades: temporais e pragas punham muitas vêzes os colonos em séria situação. Também a guerra entre a Alemanha e a França entravou o progresso e a prosperidade de Blumenau; ainda por cima veio a guerra do Paraguai contra o Brasil, nos anos de 1864 1870 que trouxe para a nossa querida Pátria, tão jovem e já tão forte e grande, muitas contrariedades e grandes sacrifícios. Muitos homens perderam a vida. O Brasil não tinha ainda nenhum exército forte, e todos tiveram que ajudar, todos os que amavam o Brasil e que quizessem o bem estar e a felicidade de suas famílias. Sucedeu que muitos alemães tiveram que ir para a guerra contra o Paraguai. Minha mãe contou-me, certa vez, que um primo de minha avó, de nome Müller, também lutou contra o Paraguai e não mais voltou, e nunca mais deu sinal de si. Também Simão Oechsler teria ido, mas não para a frente da luta, mas para a guarda das munições de bôca e de guerra, na retaguarda.

De Simão Oechsler se encontram muitos filhos e netos espalhados por todo o território de Blumenau.

Todos aqueles que, então, tomaram parte na guerra contra o Paraguai receberiam do govêrno imperial, um lote colonial de presente. Se isso de fato aconteceu, não sei dizer, pois eu era criança naquele tempo em que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

isso me foi contado. Em todo caso, muitos imigrantes alemães da nossa bela Blumenau ajudaram a conquistar a vitória. Fôra uma luta árdua, pois o Paraguai estava bem aparelhado. Mas o heroísmo e a tenacidade dos generais brasileiros, dos oficiais e dos soldados, conquistaram a vitória. Quantas vêzes os homens se defrontaram! Contou-me, certa vez, um bondoso velho juiz de paz, Felisberto Pinto, em São Francisco de Paula, no Rio Grande do Sul que um oficial brasileiro caiu nas mãos dos paraguaios e quando êstes se preparavam para degolá-lo, êle exclamou: "Degolem, bandidos, pois vocês degolam um homem de bem e valente!".

Sim, todos deram o melhor de si pelo bem da nossa Pátria, lutando pela vitória do Brasil.

Para os colonos de Blumenau as guerras do Brasil contra o Paraguai e da Alemanha contra a França resultaram em algum prejuízo, pois muitos emigrados alemães recebiam um pequeno auxílio do govêrno, que agora lhes fôra retirado. Mas os colonos se ajudavam entre si. Também o govêrno imperial ajudava onde fôsse possível. A farinha de trigo, que faltava seguidamente, era substituida pela farinha de milho, já existindo duas atafonas. Também pelo interior da Colônia havia muitos moinhos de milho que forneciam farinha aos colonos.

Itoupava desenvolveu-se muito depressa. Em tôdas as direções eram abertos caminhos para cavaleiros e carroças, caminhos êsses que mais tarde foram bem melhorados.

O sr. Jens Jensen, em 1872, abriu uma casa de negócio em Itoupava Central, que ainda hoje subsiste e é uma das maiores firmas de Blumenau, pois lá pode-se encontrar de tudo; com o correr dos tempos ela se desenvolveu muito. Existe um grande matadouro que abate por dia até uma centena de porcos. Essa firma denomina-se hoje Companhia Jensen e tem também uma grande fábrica de laticínios e fornece queijo, manteiga e outros produtos; transporta leite em caminhões até Florianópolis, enquanto manteiga, queijo e banha são distribuidos por todo o Brasil e também para fora.

Os descendentes do sr. Jensen participaram eficientemente do desenvolvimento de Blumenau, do seu engrandecimento e do seu progresso. Lá estão ocupados centenas de operários e há uma bela granja que, geralmente, só cria animais de raça. Diàriamente são ordenhadas até 50 vacas; também há uma bela e moderna criação de porcos com mais de 800 porcos de raça. É um prazer visitar-se as pocilgas bem cuidadas e vêr-se os animais bem cuidados, alguns dêles pesando 300 quilos cada um. Essa ordem e cuidado reinam também nos estábulos e é um prazer contemplá-los. Sim, com esfôrço e aplicação faz-se muito!

Fidélis, a "tifa" dos Badenses também foi povoada muito ligeiro. Meu pai tinha se mudado de Rio do Têsto para Fidélis. Devido a desinteligências com o seu irmão Nicolau, não lhe foi mais possível morar lá.

Meu tio Nicolau tinha sòmente duas filhas que já freqüentavam a escola e o meu pai, também, no princípio, só tinha duas filhas e pensava-se já que o nome da família desapareceria quando eu nasci, tornando-me o primeiro continuador do nome. Quando meu tio Nicolau soube disso, pôs-se a caminho para me ver e para reconciliar-se com meu pai e dali em diante, até a sua morte, êles se mantiveram amigos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Numa pequena casa de madeira, com cozinha de sarrafos de palmitos, rodeada de espêssa mata, vivia, em 1885, o casal Jacob Brueckheimer, com as suas filhas Ana e Elizabeth e que esperavam, para os primeiros dias de janeiro, a chegada do seu irmãozinho. E, realmente, êle chegou a 10 de janeiro de 1885 e foi grande a alegria e todos deram graças a Deus.

Com nova coragem continuaram o trabalho. O pai ia muitas vêzes com tio Alberto, mato adentro, em trabalhos de medição e geralmente só voltava pelo tempo das plantações, ou então para uma visita de uma semana. Em Fidélis havia um acôrdo entre os moradores: quando um dêles precisava derrubar o mato, todos vinham ajudar; também caminhos e pontes eram construidos dessa forma e assim, a "Linha dos Badenses" tornou-se um recanto bem povoado de badenses trabalhadores e de pioneiros, até bem para diante, até o Morro do Cachorro e também ali fôra instalada uma casa de negócio de propriedade de Gottlieb Reif, também um grande pioneiro do progresso da Colônia Blumenau. Êle tinha uma venda e um moinho no Baixo Fidélis. Êsse homem foi, para Blumenau, um braço robusto e ativo. Nunca lhe faltaram coragem e disposição. Mas Fidélis não era o lugar próprio para êle, apesar de que todos o estimassem.

Depois da Revolução êle vendeu a sua propriedade. Lembro-me ainda hoje de que minha mãe ia seguidamente comigo à casa de Reif, em visita e eu brincava muito com Gottlieb Júnior, que era um pouco mais velho do que eu. Os Reif tinham uns porcos muito grandes, que eram bem mansos e nós os cavalgávamos e êles nos levavam assim até o porão do moinho.

Gottlieb Reif passou a venda e o moinho a W. Siebert e mudou-se para Itoupava Sêca, acima do centro da cidade de Blumenau, onde êle construiu um engenho de serra e uma fábrica de caixinhas para charutos. Mas, depois de uns anos, êle entregou essa indústria ao seu filho Henrique e comprou uma grande e bem montada fábrica de caixinhas para charutos, na Barra do Rio, perto de Itajaí, a qual foi destruida por um incêndio. Êle a reconstruiu, e vendeu-a, mais tarde, à firma Bauer, em Itajaí, transferindo-se novamente para o grande Blumenau, muito para o interior, ou seja para o lugar chamado Pombas, onde possuia grandes áreas de terras e onde permaneceu até sua morte.

Êle era um homem muito ambicioso; a fábrica de papel, em Itajaí, também foi obra sua. Êle entregou tôdas as construções da sua serraria e fábrica de caixinhas para tornar-se acionista da fábrica de papel que êle já planejava há muito tempo. Como, porém, o seu capital era insuficiente, êle procurou interessar capitalistas de Blumenau, como os Irmãos Hering, Deeke, Rischbieter e outros e, assim, êle se tornou um campeão do progresso. Êle já morreu há muito tempo, mas deixou traços de sua atividade e de sua obra. Não poupou cansaços nem trabalhos e, certa vez, foi gravemente ferido na sua serraria: um tronco de cedro saltou da grande serra circular, com tanta infelicidade, que o atingiu no ventre. Por muitos anos êle sofreu as conseqüências disso, tendo sido submetido a graves operações, mas, mesmo assim, êle construiu, em plena mata virgem, no então grande Blumenau, por volta de 1920, ou antes, uma fábrica de caixinhas, tábuas etc. Também tinha grande criação de gado e cuidava da agricultura. Em Pombas há, também, boa terra de cultura e os seus filhos e filhas continuam a cultivá-las.

Gottlieb Reif era um homem áspero e rude, mas onde quer que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

se apresentasse algum necessitado, êle estava ao lado, amparando-o com conselhos e ajuda. Muitos não o suportavam pelo seu temperamento brusco; eu, entretanto, bem como meus pais, sempre nos demos bem com êle e com sua família e a lembrança dêstes sempre nos é agradável.

Na revolução de 1889/1893 êle representou um papel preponderante por Blumenau. Êle fôra nomeado capitão da Guarda Nacional e acompanhou, um grupo de 50 homens até Destêrro e aí atacou o palácio do Govêrno, teve, porém, que muito logo empreender o regresso, pois dizia-se que um navio de guerra fôra enviado para Blumenau. Mas êsse navio não conseguiu chegar até lá, pois Gottlieb Reif lá estava, no Espinheiro, bem à margem do rio, escondido com a sua tropa e fêz fogo sôbre o barco, alvejou-o e obrigou-o a voltar. Que navio era aquêle eu não sei bem, mas devia chamar-se "Pallast" e foi a pique na barra do rio Itajaí onde, em 1911, ainda se viam alguns restos aparecerem fora dágua quando a maré estava baixa. E agora, uma pequena porção de terra, semeada de flôres, cobre os restos daquele que tanto fêz por Blumenau, pelo Estado e pela Nação e tanto bem fêz à população da cidade e do sertão.

Como é lindo o Vale do Itajaí, onde eu nasci no ano de 1885 e que eu, já como criança, me acostumara a admirar nas variadas e lindas côres das borboletas, no perfume das flôres, nas montanhas e vales, nos seus rios e na maravilhosa natureza com que Deus o dotou!

Apesar da simplicidade da vida de colônia, nós éramos homens felizes e saudáveis. Ao quanto eu posso me recordar, de 4 ou 5 anos que eu tinha, meus pais possuiam uma casa de madeira que servia apenas de sala de estar, quartos de dormir e sala de refeições. A cozinha era feita de ripas de palmitos e a coberta era feita de palha, sem assoalho, que a casa de morada tinha. O fogão era de fogo aberto, com uma grêlha, sôbre a qual eram colocadas as panelas. A fumaça escapava-se através das fôlhas da coberta de onde quase sempre pendiam teias cobertas de fuligem e hoje a gente se admira de não ter nunca pegado fogo na coberta, pois as fagulhas voavam pelo compartimento inteiro. Nós, crianças, sentíamos grande alegria, quando víamos queimar as roças sêcas, e as labaredas subindo a alturas enormes; não conhecíamos perigo algum.

O nosso vestuário limitava-se, até aos 6 anos, durante a semana, de uma única camisa que descia até aos joelhos. Quando chegávamos à beira de um ribeirão, que tínhamos que transpor, era só levantar a camisa, meter-se nágua e atravessá-lo. Entretanto, a família crescia de ano para ano e, então, o pai precisou construir uma casa maior e queria que ela fôsse de material. Mas, nas imediações não havia ainda nenhuma olaria e, então, foi decidido que faríamos nós mesmos os tijolos e as telhas, tudo a mão. Foi então cavado um buraco circular, que foi enchido de barro apropriado e êste misturado com água e eu, como um garoto de 4 para 5 anos, fui pôsto sôbre um cavalo que deveria rodar em tôrno do buraco até que o barro estivesse suficientemente amassado. O buraco era redondo, com um diâmetro de cinco ou seis metros e um meio metro de profundidade. E meu pai me recomendou: "Toma cuidado! Quando o cavalo levantar o rabo, pára-o imediatamente para que tudo caia num monte só. E chama-me imediatamente que eu trarei a pá para retirar o esterco". Durou meses até que os tijolos para a casa estivessem prontos, mas foi uma grande alegria quando um ano depois, pudemos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

festejar a inauguração da nova morada. A casa de madeira passou então a ser a cozinha e a sala de jantar e, em vez de fogo aberto veio um fogão de chapa de ferro. A velha cozinha de ripas de palmitos serviu ainda por muito tempo de depósito de ração e de estábulo para os bezerros.

A nossa casa ficou pronta justamente pelo tempo da Revolução e todos nós temíamos que as tropas nos levassem as vacas e os cavalos e, então nós escondemos no mato as vacas, os cavalos, os móveis e até mesmo os vasos de flôres. Como filho mais velho eu tinha que estar em tôda parte.

Um pouco antes do natal, vieram, realmente, as tropas revolucionárias, mas elas pouco caso fizeram dos colonos e deixaram-nos em paz, e também as nossas plantações de milho e de aipim.

Por aquele tempo, meu pai estava com meu tio Alberto fazendo medições em Luiz Alves e Itaperiú. Eu e minha irmã Lieschen tivemos que ir a pé, de Fidélis até Itoupava Sêca, ao negócio de Donner, comprar açúcar colorido para mamãe fazer os doces de Natal; caminhando-se bem, era uma marcha de 2 horas para ir e outras 2 para voltar. Sôbre o Ribeirão Itoupava havia uma ponte muito ruim e a mãe recomendou-nos que ficássemos bem no meio da ponte, para que não sucedesse cairmos nágua. Minha irmã tinha 8 e eu 6 anos de idade. E como as tábuas, sôbre a ponte, não estavam firmes, minha irmã não queria atravessá-la. Eu incitei-a e ela disse-me, chorando: "Tu, que és homem, devias ir na frente"!. Eu assim fiz. E nós passamos, de gatinhas, pelo meio da ponte, sem qualquer incidente. Mas, para chegarmos ao nosso destino, nós teríamos que passar ainda a balsa. O balseiro chamava-se Wegner (ou Wege).

Nós chegamos, felizmente, ao negócio de Donner, compramos 20 vinténs (400 rs.) de açúcar colorido e encetamos o caminho de volta. Quando nós chegamos na passagem, tivemos que pagar a nossa taxa; a venda de Wegner estava cheia de soldados revolucionários. Um dêles sabia falar alemão e perguntou-nos para onde íamos. Eu repondi que para casa; nós queríamos comprar ainda dois pedaços de doce de mel e depois seguir para casa. Êle então comprou-nos tantos doces de mel, que mal podíamos tê-los todos nas mãos, e quando chegamos em casa não parávamos de falar daquele bom soldado. Também quando chegamos, papai havia regressado e tudo estava preparado para a festa de Natal e nós esperávamos essa festa com alegria. Até mesmo não havíamos colhido os maracujás mais bonitos, pois queríamos com êles enfeitar a nossa árvore. À noite, papai e mamãe ensaiaram conosco cantos de natal e nós nos sentamos, até alta noite, nas escadas diante da nova casa e cantamos cantigas alegres que papai acompanhava na concertina. Sim, também quando já éramos grandes e papai estava em casa, fazíamos alegres noitadas de canto, que muitas vêzes duravam até meia-noite. Também quando, em algum lugar, havia aniversário, reuniam-se moços e velhos e cantavam, faziam representações, comiam e bebiam que era uma beleza. E tudo na melhor harmonia.

Também os casamentos eram muito divertidos. De sua parte, a noiva, assim como o noivo, convidava uma testemunha. Essas duas testemunhas eram os "Vorreiter" (cavaleiros que iam diante da comitiva. N. do T). Êles cavalgavam dois garbosos animais, sempre, mais ou menos, uns cem metros adiante do carro dos noivos. Levava, cada um, na mão, uma garrafa de vinho enfeitada de fitas e, diante de casa haviam um homem, ou mulheres e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

môças, com uma espingarda com carga de pólvora sêca e dispararam-na quando o carro nupcial passava. Como eu me alegrei quando pude dar o primeiro tiro de pólvora sêca sôbre dois recém-casados e êstes me saudaram com um sorriso.

A vida da Colônia era, muitas vêzes, bem versátil. Como a gente tivesse que viver um pouco como silvícola, e um pouco como civilizado, nós íamos ao mato à procura de sementes de piquiva para vendê-las à fabrica de sabão do sr. Scheeffer, na Vila, por 1$500 o saco; meus pais tinham também uma grande plantação de café, que haviam feito logo que começaram a sua vida de colonos e que produzia abundantemente e como, nos fundos do nosso terreno havia um pequeno ribeiro, foi ali construido um manjolo para café, o qual descascava 15 quilos por dia, sem que precisasse estar alguém por perto.

Mas, antes que os cafèzais produzissem, o café era muito raro entre os colonos e muitas vêzes fazia-se o café de batatas, que era preparado assim: A batata (batata doce, como é conhecida pelo povo) era cortada em pedacinhos de tamanho, mais ou menos, de um centímetro que eram postos a secar. Depois de bem secas eram torrados, como o café, e moídas; às vêzes era misturado com pó de café e assim preparada a bebida.

O cultivo do café trouxe bons resultados e nós chegamos a vendê-los para os descascadores. Também a cana de açúcar era muita produtiva e, em pouco tempo surgiram os engenhos de açúcar e os alambiques de cachaça. Naquele tempo comprava-se uma arroba de açúcar por 1$400 e a medida (5 garrafas) de cachaça custava 400 réis. Haviam também muitas frutas, como laranjas, tangerinas, pêssegos, ananás e goiabas. Raramente se encontrava alguma bichada e não se conhecia a peste do gado. Naturalmente, não havia ainda nenhuma fábrica de laticínios e nem mesmo as desnatadeiras. Deixava-se o leite repousar até que êle começasse a coalhar e tirava-se então a nata que sobrenadava. O leite coalhado era transformado em requeijão, ou então era comido com batata doce, aipim, ou pão de milho, na ceia. Uma parte do sôro era destinado aos bezerros. A nata era então batida nas manteigueiras. Tudo isso custava muito esfôrço e trabalho. Embora não houvesse então a febre aftosa, nem a peste das galinhas, havia, entretanto, muitos insetos que causavam muitos prejuízos. A dúzia de ovos custava, naquele tempo, 80 réis e para obter êsse preço precisava-se muitas vêzes ir até à Vila, porque as vendas da Colônia estavam abarrotadas dêles. Muitas vêzes sucedia que as aves de rapina carregavam, por semana, com 3 a 4 galinhas Muitas eram abatidas a tiro. Quando era o tempo de postura dessas aves de rapina, nós muitas vêzes saíamos à procura de filhotes e não raro encontrávamos os ninhos. Mas então tínhamos que aguardar até que os filhotes já estivessem bem empenados, pois era quando os pais ficavam mais tempo longe dos ninhos à procura de prêsas maiores para os seus filhos. Meu pai era mestre nesse assunto. Quando um gavião passava pelo alto, com uma cobra no bico, êle tomava nota da direção em que a ave voava e dizia: lá, naquela altura, no precipício, à direita ou à esquerda, o gavião tem o seu ninho

Depois de 5 ou 6 dias nós íamos até lá buscar os filhotes e matar os velhos. Lembro-me que em uma manhã, meu pai atirou três gaviões dos seus ninhos, dos quais nós já haviamos tirado os filhotes. Meu

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

pai levou em nossa companhia o Pedro, filho do nosso vizinho, porque êle era dois anos mais velho do que eu e sabia trepar bem. Êle levava uma sacola dependurada que, quando os filhotes estavam dentro, era fechada e o rapaz tinha que descer o mais depressa possível, pois. as mais das vêzes, os velhos gaviões não se mantinham longe por muito tempo. Naturalmente, os filhotes dentro do saco começavam piar alto e nós esperávamos até que os velhos viessem, o que não demorava muito, e pousavam próximo ao ninho e quando notavam que os filhotes não estavam mais ali e, entretanto, os ouviam piar, alvoroçavam-se. Mas antes que êles nos descobrissem, partia o tiro e ele caía ao solo ainda com as prêsa no bico. Tratava-se de um belo exemplar de um metro e meio de envergadura. Era um gavião macho. Esperamos até que viesse a femea, o que demorou bastante. Mas, finalmente veio e sobrevoou o ninho várias vezes e afinal pousou no mesmo lugar de onde o macho fôra derrubado e, em breve, ambos jaziam no chão e não poderiam mais roubar as nossas galinhas.

Partia-se então para a procura do outro ninho, que meu pai já tinha observado. Nós não o teríamos achado se a fêmea do gavião não tivesse chegado com uma prêsa tão grande que ela mal podia atravessar a rede de cipós e orquídeas que cresciam sôbre a árvore em que estava o ninho. Quando ela ainda procurava se desembaraçar dos cipós, partiu o tiro e a ave caiu, com a sua prêsa. Esta era um filhote, já grandinho, de mono. Pedro mais que depressa começou a subir pela ramaria, enquanto nós segurávamos os outros filhotes:. Não demorou muito tempo, um dos filhos, que Pedro havia apanhado, começou a soltar altos piados; era um filhote que já quase podia voar. O outro filhote saltou do ninho e veio ao chão onde nós o apanhamos. Assim, nesse dia, nós apanhamos 4 filhotes e três gaviões velhos. O quarto velho não voltara mais ao ninho e, provàvelmente, fôra atirado, quando andava rapinando em outros logares.

Pedro ganhou dois filhotes de gavião pelo trabalho de trepar nas árvores. Em Áltona, Itoupava Sêca, havia um comprador de tudo quanto fôsse animal silvestre. Êle pagava bem. Por filhote de gavião, que fôsse já bem criado, êle pagava 5$000; pelos velhos, mortos, desde que fôssem fornecidos ainda frescos, êle pagava 3$000. Assim, naquele dia, nós tínhamos ganho 19$000 e Pedro 10$000 e para os nossos muitos marrecos, patos e galinhas havíamos adquirido maior segurança. Nunca mais, porém, fizemos uma tão boa caçada de gaviões. Tôda a vizinhança respirou alegre quando ouviu sôbre o nosso feito, pois aquêles gaviões já haviam feito grande dano por tôda a parte. Mas, por tôda parte, o bem alterna-se com o mau. Assim em anos anteriores os tigres também representaram a sua parte, especialmente na propriedade de Cristiano Pasold, no Fidélis, onde uma malta estabeleceu o seu quartel. Os tigres roubavam os bezerros dos pastos, porcos dos currais. Certo dia tomou-se conselho a respeito sugerindo-se que fôsse feita uma armadilha, de sorte a poder-se pegar a fera viva. Dito e feito. Foi construida uma grande caixa, com uma porta de alçapão que Cristiano Pasold colocou na orla do mato. Dentro foi colocado um leitão, amarrado e que, naturalmente, por horas inteiras pos-se a berrar. O tigre pressentiu a prêsa e aproximou-se. Dos lados a caixa era feita de altas ripas de palmito e só aberta na frente, onde ficava a porta-alçapão. A coisa deu resultado. Já no dia seguinte de manhã, um belo tigre negro tinha caído na armadilha. A porta-alçapão tinha sido construida de tal forma

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

que, uma vez fechada, só poderia ser aberta com o auxílio de uma manivela. Assim o tigre foi vendido com a arapuca e tudo ao negociante de animais silvestres, o que deu um bom lucro ao sr. Pasold. A caixa teve que ser transportada, primeiramente, um grande trecho à fôrça de braços antes que pudesse ser colocada sôbre uma carroça.

Pasold construiu uma nova armadilha, pois êle era proprietário de serraria e a madeira pouco lhe custava. Êle teve, assim, a sorte de, em pouco tempo, pegar três daqueles ladrões que êle vendeu.

De seus filhos, que agora ainda vivem, um mora no Alto Fidélis, Teodoro Pasold que é pai feliz de 16 filhos e, ainda em perfeita saúde, pode hoje volver o olhar para o passado e alegrar-se dos seus antepassados e da sua abençoada descendência, olhá-la com orgulho pois, por ela, dar ao nosso lindo Blumenau, sempre verde, ao grande Brasil, filhos e filhas que trabalham pelo seu engrandecimento e de todo o povo brasileiro.

Na pequena "tifa" de Fidélis moram muitos homens muito direitos, mas que gostam também de fazer os seus negócios e com paciência devemos levar algum insucesso que aconteça.

A êsse respeito, lembro-me ainda hoje do tio Simão (eu tinha então 6 anos de idade) o qual negociara com o açougueiro Holetz, na Vila, com a condição de entregá-los em três semanas, dois bezerros. Aconteceu que, dentro dêsse tempo, as vacas ainda não haviam dado crias e o prazo teve que ser prorrogado por alguns dias. Mas, quando chegaram os bezerros êle colocou-os numa carroça e seguiu para o açougue. Quando ali chegou, o açougueiro disse-lhe que não queria mais os bezerros porque não haviam sido entregues no tempo combinado; se entretanto, êle tivesse que adquirir os bezerros, não poderia pagar mais que 1$500 por cada um. Tio Simão, que era um tipo meio rancoroso, ficou furioso e disse que, por mil e quinhentos réis, preferia jogar os bezerros da ponte do Garcia abaixo. Ajuntaram-se alguns homens que começaram a pilheriar: "Qual o que, Simão, isso tu não és capaz de fazer! Eram cinco e resolveram apostar. Cada um dêles daria 2$000, se Simão jogasse mesmo os bezerros da ponte do Garcia abaixo. Mas, por trás, êles mandaram dizer ao delegado de polícia que viesse manter a ordem, pois, o Simão queria mesmo jogar os bezerros da ponte abaixo. Simão, entretanto, mais que depressa foi com os seus bezerros até a ponte do Garcia e, antes que o delegado chegasse êle já havia jogado um bezerro da ponte abaixo e estava se preparando para fazer o mesmo com o segundo, quando os apostadores pediram que êle o não fizesse e nesse momento chegou o delegado, arfando. E quase sem respiração intimou-o: "Pela minha autoridade! tu não vais jogar êsses bezerros nágua, que as penalidades são duras..." "Hum", respondeu Simão no seu patuá, "um eu já mandei para baixo, e se me derem mesmo 2$000 cada um de vocês, eu mando o outro"! Então os que estavam troçando de Simão, passaram a interceder por êle, junto ao delegado, pois se declaravam culpados. Naquele tempo, a ponte sôbre o Garcia não estava tão alta, e o bezero que havia sido atirado nágua nadara fácilmente para a margem onde se puzera a mugir. Os trocistas foram buscá-lo e cada um dêles pagou os seus dois mil réis e ficaram com os bezerros.

Simão, que fizera um bom negócio com tôda aquela embrulhada, ofereceu ao delegado 1$000 pelo seu trabalho. O delegado não quiz receber o dinheiro e observou a Simão que não se deixava peitar e que a sua obri-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

gação era manter a ordem. E todos, então, a uma só voz gritaram: "Viva o valente delegado! E viva o Simão e viva os bezerros! Mas que êle pague uma cerveja".

Simão pagou; realmente algumas garrafas de cerveja. A garrafa custava, naquele tempo, uma pataca, que eram trezentos e vinte réis. Cantaram-se ainda algumas canções e lá se foi o Simão novamente para casa, alegre e feliz onde êle não se cansou de contar à tia Frenz o bom negócio que fizera com os bezerros e com o delegado, pois, o delegado daquele tempo era mesmo uma jóia de homem, como dificilmente se encontrará outro.

Certo dia apareceu-lhe um caso para resolver; qual o motivo, eu não sei mais. Mas o que eu sei é que o sr. Sch. e o sr. T. tiveram uma troca de palavras. O sr. Sch. disse: "Se tu não calas essa boca, eu hei de tapá-la!" O outro era muito mais fraco, mas respondeu: "Disso tu não serás capaz". Coisa vai, coisa vem, os dois empenharam-se em luta corporal. Mas é que Sch. já estava com uma mão cheia de bosta de cavalo, sêca, que tentava meter na boca de T., o que realmente conseguiu porque a uma inspiração mais profunda de T. entrou-lhe uma partícula qualquer na traquéia que quase o afogou e teve de deixar a luta. E logo que a dor e o susto passaram, T. foi dar queixa ao Delegado contra o ato de Sch. O Delegado prometeu-lhe que, no dia seguinte, mandaria buscar Sch. e puni-lo.

Quando T. passou diante de nossa casa, disse a meu pai: "Amanhã a polícia vai passar por aqui para buscar Sch e prendê-lo".

Puxa! como nós crianças tínhamos medo de polícia, que trazia sempre dependurado à cinta um longo sabre. Isso nos parecia muito perigoso. Mesmo que nós não tivéssemos medo de nada, mas da polícia... À noite quase que nem pudemos dormir de tão amedrontados e de vez em quando perguntávamos quando é que viria o polícia. Realmente, às 8 horas do outro dia, êle passou a pé, com o comprido sabre à cinta. Nós o espiávamos de um canto até que êle desapareceu.

Quando êle chegou à casa de Sch. êste não estava. O polícia teve que esperá-lo. Um pouco depois das 12 horas, Sch. chegou em casa para almoçar. As crianças choravam porque agora o pai seria prêso.

Mas Sch. estava muito calmo. Deu a mão ao polícia e perguntou o que êle desejava. Depois que o polícia contou-lhe ao que viera, êle lhe disse, muito calmo: "Está tudo muito bom e muito bonito, mas o homem podia muito bem ficar de bôca fechada, sem que fôsse necessário que eu a entupisse e que ainda por cima lhe tivesse entrado qualquer coisa na traquéia, era coisa que eu não tinha desejado. Mas, seja como fôr, nós vamos almoçar juntos e descansar um pouco; são duas horas que teremos de caminhar e, sobretudo, quando a gente vai ser prêso tem que ir de barriga cheia; sabe lá que gororoba a gente come na cadeia? Êles comeram e descansaram. Depois Sch. despediu-se da família, que se reunira chorando, e os dois empreenderam a caminhada para a prisão. O pequeno E. correu-lhes um pedaço atrás, e gritava entre soluços: "Polícia, deixa logo o meu pai voltar para casa".

Depois de duas horas de caminhada, o polícia com o seu prêso chegou felizmente à Casa da Câmara, mas ali não havia carcereiro e nem puderam achar a chave e também não se encontrava o Delegado. Ao polícia não restou outra solução que fazer mais uma caminhada de um quarto de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

hora para ir buscar o carcereiro ou a chave, tendo antes dito ao seu prisioneiro que ficasse sentado no banco até que êle fôsse buscar a chave da cela em que deveria prendê-lo. Fazia algum tempo que o réu estava sentado no banco, pensando no seu destino, quando apareceu o Delegado que, vendo-o, bateu-lhe no ombro e perguntou-lhe: "Ué! que é que estás fazendo aqui?" "Pois tu não me mandaste prender?", respondeu o outro. "Ah! sim: por causa da bosta do cavalo com que entupiste a bôca do T.? E será que tu farias isso outra vez?" Não, nunca mais, senhor Delegado. Isso só me trouxe aborrecimentos. Eu preferia ficar em casa fazendo o serviço mais pesado do que acompanhar o polícia até aqui". "Bem, já que estás tão arrependido, volveu o Delegado, trata de ir para casa. Mas faz as pazes com T. e vai pedir-lhe desculpas".

Sch. não esperou que lhe dissessem isso duas vezes e fazendo uma reverência ao Delegado afastou-se a largos passos. Dali a pouco chega o polícia com a chave para trancafiar o réu, mas levou um susto quando viu que o prisioneiro não se encontrava mais ali e, irritado, irrompeu na Delegacia. "Senhor Delegado, o prêso Sch. fugiu no momento em que eu ia buscar a chave".

"Calma, disse-lhe o Delegado. Eu perguntei-lhe se êle seria capaz de encher novamente a bôca de T. com bosta de cavalo; e êle me afirmou que nunca mais faria isso e que foi a maior vergonha da sua vida o ter êle que atravessar a Vila ao lado de um polícia e, então, eu mandei-o para casa, dizendo-lhe que fôsse fazer as pazes com o seu vizinho e pedir-lhe desculpas. E mandei-o embora. E êle, o coitado, foi o mais depressa que pôde".

Danado, a polícia retrucou: "Então eu não precisaria ter feito a longa caminhada para trazer o sujeito pelas ruas da Vila!", e jogou a chave sôbre a mesa do Delegado. Êste, porém, de maneira muito serena lhe disse:

"Não te alteres. Nós queremos um Blumenau cordial e amiga".

Onde o pobre e o rico se entendem,
Ali também móra a paz.

E se fôres um filho de colono,
Podes te considerar feliz.

Serás um filho alegre e afortunado,
Se Deus te proteger
Se são homens de bem os que te visitam
Então todos procurarão viver em paz.

Mas a paz só acolherá aquêles
Que amam a verdade e a paz.

Se tu, na tua vida,
Fôres fiel ao senhor Jesus Cristo,
Terás abençoada natureza e tôda a terra,
Até a tua tumba. Seras então como um verde campo
Sôbre o qual a paz flutua. E então, em Blumenau,
Todos nós seremos felizes.

Era destino de minha mãe, o cumprimento do dever, mesmo nas piores situações.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Já como solteira ela era conhecida por tôda parte como parteira e muitas vêzes tinha que fazer longas horas de caminho, nas mais longíqüas linhas coloniais, chamada para casa de colonos onde os seus serviços eram necessários. E lá ia ela, pelos piores caminhos, mesmo com mau tempo ou por pontes em ruínas, as mais das vêzes a cavalo, à noite ou dentro dos nevoeiros, ia mais devagar, mas sempre para diante. Quantas vêzes, eu, criança que era ainda, tinha que me levantar de noite e, juntamente com o homem que viera buscar minha mãe, tinha que ir ao pasto, buscar o cavalo e, enquanto mamãe se aprontava, o recém-chegado selava o animal, e lá se iam êles noite a dentro.

Meu pai, por meses inteiros ficava fora de casa, pois êle trabalhava com o agrimensor nas matas mais distantes e, assim, nós, crianças, ficávamos, muitas vêzes, durante o dia inteiro, sòzinhos. Mas quando mamãe estava em casa, tudo ia bem.

Nós também tínhamos vacas, porcos e galinhas. Tudo tinha que ser tratado e, desde pequeno, era minha tarefa, tôdas as manhãs às 8 horas levar cana ao pasto. Quando eu tinha, mais ou menos, dez anos, fui, com o meu irmão menor, levar o costumeiro molho de cana ao pasto. Nós tínhamos uma vaca que era muito braba e que, ao ver-nos, partiu para cima de meu irmão e deu-lhe uma cabeçada jogando-o ao chão. Êle, tremendo de medo, pôs-se aos gritos. Eu joguei ao chão o feixe de cana e tomando uma das mais compridas, com ela bati, fortemente, na nuca do animal que, deixando o meu irmão, investiu para o lado. Meu irmão aproveitou o momento e, num pulo passou para o outro lado da cêrca. Eu dei ainda umas lambadas nos olhos e no focinho do animal e saltei também a cêrca. Tomei então do meu bodoque e mandei umas pelotadas na vaca que se afastou. Nós então, cortamos e dividimos a ração entre os animais. Meu irmão recebeu, apenas, umas equimoses e um formidável susto. Mas, no futuro, nunca mais deixamos de levar conosco o bodoque, pois, mesmo o touro mais brabo respeita essa arma. Com esta nas mãos, faziamos correr tudo, quando não atirávamos para matar. As pelotas, de um e meio centímetros de diâmetro eram feitas de barro amassado, sêcas ao sol e depois queimadas no forno. Nós caçávamos com elas aves de maior porte, como pombos, tucanos frangos dágua, urus, etc. Na caça ao uru, levávamos conosco um cachorro que, ao pressentir a caça, e quando estávamos próximos a ela, saltava no meio de um lote de 10 ou 20 urus que se assustavam de tal forma que não davam pela nossa presença e pousavam pelas proximidades e podíamos então atirar um bom número dêles e geralmente, antes que o restante fugisse, o cão, que já tinha matado um, ainda apanhava e acabava de matar os que íamos derrubando, e nô-los trazia.

O uru é um pássaro quase tão grande como um frago; tem um bico meio encurvado, vive no solo e só voa quando pressente perigo. Também à noite êle dorme pousado em algum ramo, onde, muitas vêzes, se encontram 5 até 10 juntos e que a gente, com um certeiro tiro de chumbo pode derrubá-los de uma vez, quando, durante o dia, ou ao escurecer, localiza o ponto do seu pouso. Era muito fácil encontrá-los, pois, quando estavam todos se preparando para repousar, começavam a piar por longo tempo fazendo uma espécie de gu-ru-gul-gu, gu-ru-gul-gu. E pela madrugada, antes de descerem do local em que dormiram, cantam o mesmo tom. Na nossa infância era muito comum ouvirmos o canto vespertino dos urus, ou os gri-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

tos do mono, os altos chamados do pica-pau, o pio forte e profundo do jacu-açu, o grunhir dos ouriços, o grasnar dos tucanos, o ruido do pavão, o harmonioso assobio do macuco, o leve ronco da jacutinga e o alegre piar dos frangos-dágua.

Quando, às centenas, os papagaios iam procurar as ingazeiras da nossa plantação de café, para ali passarem a noite, nós nos sentíamos felizes e livres na natureza que Deus nos dera. A fresca brisa que vinha da mata cheia de aromas, enchia-nos de bem estar, enquanto, por tôda parte, rescendia o aroma das frutas que amadureciam em redor.

Quantas vêzes nós, crianças, chegávamos a adormecer sob as cheirosas laranjeiras em flôr, até que minha mãe precisasse vir acordar-nos, ou levar os menorzinhos para as suas caminhas simples. Sim, nós éramos robustos, com saúde, sentíamo-nos felizes e alegres!

Os nossos bons genitores, já muito cedo nos ensinaram a rezar e, mesmo nas profundezas da mata, meu pai fazia minha mãe e as crianças rezarem.

Sempre, mesmo depois de longas ausências, meu pai voltava feliz para casa. Sim, certa vez, êle ficou fora seis meses seguidos, Jacob o mais moço de seus filhos homens, já estava com três meses de idade. Parece-me que ainda o tenho diante de mim, quando êle apertou o pequenino contra o peito e beijou minha mãe, e voltando-se para mim, disse: "E agora, Max, tu vês que tens três irmãozinhos e que vocês são já em quatro; já não precisamos mais temer que o nosso nome desapareça; êle continuará em vocês, pelo bem de Blumenau e da nossa querida Pátria".

Mais tarde nasceram mais dois irmãos e, por fim, mais uma irmã de sorte que éramos 10 ao todo. Minha mãe, muitas vêzes, nos últimos meses de gravidez, esperando a cada momento, tinha que ir atender a outras parturientes e mal tinha tempo de chegar à casa para, ela mesma, dar à luz.

Certa vez eu assisti quando um certo senhor Mügge, instava com minha mãe para que fôsse, com urgência, ver a espôsa que estava já nos últimos momentos de dar à luz, não havendo tempo a perder.

Minha mãe, entretanto, observou-lhe: "Mas, sr. Mügge, porque o senhor não mandou, com tempo, buscar uma parteira da vila de Blumenau? Eu já lhe havia dito que, por êste tempo, eu também estaria esperando..."

Êle retrucou: "eu sei que sou culpado. Mas agora já é muito tarde para ir à Vila. Eu tenho uma boa carroça, cavalos bons e mansos e um bom assento de molas. Por favor, venha. A senhora já ajudou a nascer os meus oito filhos; ajude também o nono. Dentro de 3 ou 4 horas eu a trarei de volta".

Minha mãe respondeu: "Pois, em nome de Deus, vamos". E foi se aprontar. Já no quarto eu perguntei-lhe se deveria esperá-la, ou o papai, caso êle chegasse. Então ela me disse: "Eu estou esperando a cegonha, que vai te trazer mais uma irmãzinha, ou um irmãozinho".

A uma prima, que viera passar uns dias conosco, fazendo o serviço da casa, eu disse que preferia que fôsse um irmãozinho que viesse. Ela riu muito e me disse: "Nisso tu não tens nada que opinar. Isso é

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

trabalho da cegonha e ela trará o que melhor lhe parecer".

Minha mãe foi com o sr. Mügge, de carroça, às 4 horas e eu ainda não tinha ido para cama quando ela regressou e disse à minha prima, que era uma mulher casada. "Na casa dos Mügge, felizmente, mais um rapaz; e agora vamos também nós preparar tudo para esta noite". Eu então perguntei: "Mamãe, a cegonha vem aqui em casa hoje de noite"? "Sim", respondeu ela. "E todos vocês têm que ir dormir hoje em casa do tio Simão, porque a cegonha é muito braba e já mordeu a senhora Mügge de tal forma que ela tem que ficar alguns dias de cama".

Nós seis, com as nossas roupas de cama, fomos para casa do tio Simão, onde nos deitamos todos no assoalho. Minha tia disse então que iria ainda àquela hora à casa de minha mãe para ajudar na luta com a cegonha.

As casas distavam um tanto uma da outra; cêrca de um quilômetro.

Quando amanheceu o dia seguinte, titia voltou e nos disse: "Agora vocês podem tomar café e depois voltar para casa, onde já chegou mais um irmãozinho". Berta já tinha feito o café e nós bebemos e comemos do bom pão de milho feito com cará, queijo e nata, que nos souberam muito bem e tocamo-nos para casa. Foi uma verdadeira corrida, cada qual querendo ver, por primeiro, o irmãozinho. Encontramos mamãe bem disposta. Bem perto da casa havia umas laranjeiras que estavam em flôr e cujo perfume enchia tôda a morada. Os passarinhos chilreavam, alegres, no seu canto matinal e tudo recomeçava a movimentar-se para as lides do dia.

Nosso pai não estava em casa. Fazia meses que êle estava em companhia dos engenheiros Krohberger e Theodoro Kleine, ou Zittlow, no mato, medindo terras e só regressou quando o nosso pequenino irmão já estava com três meses.

Êle, como já disse, ficava muito tempo fora e, quando perguntavam a nós crianças, onde estava nosso pai, nós respondíamos: "No mato".

Quando eu ainda era pequeno e meu pai estava fora, mamãe mesma é quem matava e carneava os porcos, com a ajunda da minha irmã mais velha e eu tinha que segurar a cauda. Minha mãe também me levava muitas vêzes com ela quando tinha que ir a algum lugar muito longe, pois o município de Blumenau, naquele tempo ia de Ilhota até Lajes.

Quando as tropas revolucionárias de 1890/93 passaram, alternadamente, por Blumenau, havia em Poço Grande, pouco abaixo de Gaspar, perto da grande figueira um negro muito fiel que, durante muitos anos, estivera a serviço de Pedro Schmidt e que, podia-se dizer, criara-se em casa dêste, e foi fuzilado pelas tropas que passaram. Pedro Schmidt, naquela ocasião, já havia transferido todo o seu gado, cavalos, vacas, bois e tudo mais, juntamente com a família, para o outro lado do rio, escondendo-os bem para dentro da floresta e deixou o fiel negro sózinho em casa. O negro falava alemão corretamente. Os revolucionários queriam saber onde é que o patrão estava e onde êle havia escondido o seu gado e cavalos O negro não traiu. Êles o ameaçaram de fuzilá-lo, mas êle manteve-se firme. Então um indivídio qualquer, munido de pistola, deu-lhe um tiro no ventre. O empregado negro ainda desembainhou o facão e marchou alguns metros em direção do assassino, mas caíu, em seguida, ao chão, morto. Êle fôra um homem fiel e um ótimo servidor. Honrada seja sempre a sua memória. Os

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

revolucionários tinham se retirado. Alguns dias depois, minha mãe foi comigo, a cavalo, até a casa de Pedro Schmidt, em Poço Grande. Eu ia na garupa, montado num pelego. A família Schmidt estava muito triste pelo que acontecera e lamentava muito o seu fiel empregado, o qual haviam sepultado numa colina próxima, que cobriram de flôres. Que êle descanse em paz!

Quando regressamos novamente a Fidélis, mamãe contou-me que papai voltaria muito breve e que, do Campo, traria um cavalo. E realmente, êle chegou trazendo o animal. E, depois de já estar uns dias em casa, êle foi á Vila para receber o seu ganho, levando-me consigo. Êle recebeu realmente o dinheiro e comprou uma porção de coisas. Também fomos à fábrica de camisas de Bruno e Hermann Hering, que então era muito pequena e situava-se onde hoje estão as grandes Lojas Hering. Era uma casinha baixa, com telhado pontudo, que ostentava a tabuleta da firma: "Trikotwaren Fabrik Gebrüder Hering". (Fábrica de tricô dos Irmãos Hering).

Essa tabuleta ainda lá existia quando eu já sabia ler. Os irmãos eram boa gente. Meu tio Alberto costumava fazer troça com êles sôbre isso. Num interessante trocadilho êle brincava: "É, um Hering frito também é muito bom e a gente deve ir até lá para comprar camisas, mesmo que elas sejam muito salgadas. (O trocadilho é quase que intraduzível. É a troca de Gebrüder (irmãos) por gebrüht (frito), ou seja, de Gebrüder Hering (Irmãos Hering) por gebrüht Hering (arenque frito). N. do T.) Sim, então todos eram amigos e ninguém se envergonhava de trabalhar ou de algum trabalho. O Tio Bruno manteve-se solteirão. Êle carregava o seu cavalo, ou burro, com algumas dúzias de camisas e saía, vendendo-as de casa em casa, até Itajaí. Ao quanto sei, no comêço, todo o trabalho da fábrica era manual.

Tôdas as pessoas eram bem-vindas. E todos viviam em paz uns com os outros. Saxônicos, badenses, pomeranos, hessenses, prussianos, brasileiros, berlinenses e hamburguêses todos trabalhavam de olhos fixos na legenda "Ordem e Progresso" que foi sempre, até hoje, a meta da firma. Também entre os antigos operários da firma, continua acêso, até os dias de hoje, quando a firma é uma potência milionária, um sincero reconhecimento e uma honrosa lembrança dos seus fundadores, que já há muito descansam no túmulo. Ficarão para sempre, inesquecíveis, os nomes do Onkel e do Papa Hering (assim eles eram conhecidos por todos os seus operários). Hermann Hering era o Papa Hering e Bruno Hering e Onkel Hering. E quando Curt e Max Hering começaram a ocupar os seus postos na fábrica, eram chamados sr. Curt e sr. Max e, assim, de pequena e insignificante que era a fàbricazinha de artigos de tricô, transformou-se numa emprêsa gigantesca com milhares de operários que ganham bem, que moram em belas casinhas, cercadas de bonitos jardins e vivem uma vida sossegada. Assim foram os Irmãos Hering uma grande benção para Blumenau e para todo o Brasil e possam os que agora dirigem a Firma Hering, filhos, genros e netos, honrar o bom nome de seus antepassados e seguir-lhes os exemplos. Poderão, assim, orgulhosos e sinceros, mostrar que herdaram o amor aos seus semelhantes e, assim, afastar tôdas as desavenças e todo rancor para que, patrões e operários, desempenhem com alegria e dedicação, os respectivos encargos e recebam, na prosperidade e no bem estar de ambos, o prêmio de poderem contemplar o desenvolvimento da obra iniciada por seus pais.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

DA ESCOLA

Os colonos mandavam os filhos à escola com 9 anos. Os assuntos escolares eram geralmente difíceis no nosso lugar. Quando eu fui matriculado, era professor um alemão muito severo, chamava-se Schiemann. Êle era bom, mas só nos ensinava em alemão, e muitas vêzes, durante as horas de aula, estava bêbedo; nós aprendíamos bem, mas nem um pouquinho de português. Meu pai levou muitas vêzes o problema às autoridades, indagando o que seria de nós crianças, que éramos brasileiras, mas não conhecíamos uma única palavra da língua pátria, nem ler, falar nem escrever. Mas foi tudo em vão, pois, os nossos mestres, por volta de 94 e 95, recebiam um ordenado de 25$000 por mês e com isso êles tinham que manter a sua subsistência. Naturalmente, cada um dos membros da Comunidade Escolar tinha que dar uma quarta do gênero que tivessem de sobra: feijão, batata, arroz ou milho, etc. Mas para que todos não mandassem o mesmo produto fazia-se correr uma lista em que, cada qual, declarava que poderia dar isto ou aquilo. E o professor, então, quando recebia a lista entregava ao aluno filho do respectivo subscritor, um bilhete dizendo o que êle precisava. E assim o professor era auxiliado. O Professor Schiemann era casado e morava na Fortaleza. Tinha um pequeno terreno e casa própria, e podia viver bem com o seu ganho; sua mulher era muito trabalhadeira e tinha uma boa vaca leiteira e alguma plantação; porém o marido já era bem velho e não quiz mais lidar com os rapazes, como professor e deixou o cargo depois de dar um aviso prévio de 30 dias. Eu frequentei a escola do professor Schiemann durante dois anos e meio; isto porém, com muitas interrupções ; era rara a semana em que se ia os seis dias seguidos à escola; às vêzes, até, faltava-se a semana inteira e então mamãe mandava um bilhete em que dizia que o aluno não tinha podido ir porque havia muito trabalho urgente a fazer, e pedia desculpas.

Muitas vêzes o professor sacudia a cabeça e, uma vez, êle me disse: "É, meu rapaz, tu tens aprendido bem, mas tu tens que te esforçar mais, senão tu te atrazarás na tua classe. Mas eu me esforcei mais e nunca rodei.

Quando o professor Schiemann, deixou de ser o nosso mestre, foi substituido por um homem solteiro e brutal; entrava-se na escola com medo e tremendo, pois êle gostava de surrar os alunos. Certa vez êle estava tão furioso que nos ameaçou: "Eu enforco vocês todos nessas traves, se vocês continuarem a me incomodar". A maior parte dos pais deixaram os filhos em casa. Fêz-se uma reunião e o professor foi demitido. Veio, então, um outro professor, que se chamava Hermann Lange (ou Lang, não me lembro muito bem). Êle era solteiro, de Hamburgo, que aqui imigrara.

Eu fiquei ainda pouco tempo com êsse professor na Escola. Êle era um bom mestre, muito amável e as crianças aprendiam bem com êle. Êle casou-se, mais tarde, com Abelônia Wilhelms e ficou lá ainda por muitos anos. Êle morreu de síncope cardíaca, não faz muito tempo. Com a sua família êle deixou muito bem para Blumenau. Gosto muito de lembrar aquêle bom professor.

Os muitos trabalhos na lavoura deixavam aos filhos dos colonos pouco tempo para irem à escola. Isso mesmo também deu-se comigo. Meu pai comprara em Itaperiú, ainda além de Massaranduba, dois lotes de terras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Todo o alto rio Itaperiú era ainda mata virgem, sem caminho nem nada e lá só se poderia chegar por Massaranduba, ou então por Luiz Alves. Subia-se o Ribeirão Michels até o divisor das águas; os caminhos eram só picadas, e descia-se a encosta do outro lado, até os nossos terrenos; fazia-se uma caminhada de bem quatro horas só pela picada. Partindo de Fidélis, tinha-se que ir por Belchior, Luiz Alves e pelo Ribeirão Michels acima e depois novamente para baixo, até o nosso destino. Eram boas dez horas de caminho, indo por Massaranduba. Por Blumenau eram 11 ou 12 horas, mas tínha-se a vantagem de que só se tinha duas horas de mato fechado para atravessar, sem caminhos nem pinguelas. Eu, como rapaz, de onze ou doze anos fiz essa viagem umas oito ou dez vêzes. Cavalo e mula não se podia levar porque ainda não havia pasto, nem outra ração; geralmente iam mais homens juntos. Certa vez eu levei meu pai a cavalo, com a bagagem, até o Henrique Wolf, que era o último vendeiro que tinha algum pasto; dali caminhava-se ainda duas horas a pé, por péssimos caminhos e então entrava-se no mato e para chegar-se aos nossos terrenos iam mais duas horas. Lá chegados, levantara-se às pressas uma simples cobertura de palha. Um pouco de palha, ou de fôlhas de palmito servia de cama para a primeira noite. A cobertura de palha, inclinada, os brasileiros chamam de rancho. Êste tinha, na frente, mais ou menos 2 e meio metros de altura, indo na parte dos fundos até o chão. O rancho tinha dois lados abertos, só a parte onde a coberta chegava ao chão e mais um dos lados que fôram tapado com folhas. Para a panela fizera-se uma coberta especial, para que tôda a fumaça não entrasse no local em que se dormia. As camas constavam de 4 estacas fincadas no chão, e bem fincadas para poderem suportar a pessoa. As estacas eram feitas de galhos com uma forquilha na ponta; as forquilhas sustentavam varas não muito grossas e sôbre essas varas eram postas ripas de palmitos, ao comprido da cama, umas bem juntas às outras até formarem um leito bem largo, para que três pessoas pudessem deitar-se juntas. Nesse estrado eram então, sobrepostas fôlhas de palmitos, desfiadas e outras palhas, de forma que se pudesse deitar tão comôdamente quanto possível. A cama servia, ao mesmo tempo, de banco e de mesa. Nas refeições, punha-se, primeiramente os pratos de fôlha sôbre a cama, depois fazia-se um pirão de feijão preto; depois retirava-se os pratos e sentava-se no lugar dêles e punha-se os pratos no colo, o pedaço de carne numa mão e a colher no outra e comia-se à vontade e com mais apetite do que se fôsse o mais fino banquete. O fogão constava também de duas estacas fincadas no chão, entre cujas forquilhas se atravessava uma vara na qual eram dependuradas até três panelas e que ficavam a uma altura conveniente do chão de modo que as labaredas do fogo pudessem alcançá-las bem. Meu pai era um bom cozinheiro, e eu, com 11 e 12 anos de idade tive também que aprender a cozinhar. Assim, em Itaperiú eu era o cozinheiro. Aquêles lotes de terra, meu pai há diversos anos antes havia medido e comprado.

As divisas, entretanto, tinham se enchido de mato e precisavam ser reavivadas. Isso durou semanas. Eu cozinhava feijão prêto, arroz e carne. A carne sêca tinha que ser posta de môlho na véspera, amarrada no riacho, para que o feijão não ficasse muito salgado e ao mesmo tempo, com a água corrente, a carne ficava bem lavada. Nós não precisamos comer carne sêca por muito tempo, pois havia muita caça e nós, até, levamos, depois muita carne de caça para casa. O meu primo José Vogel trabalhava com meu pai. Êle construiu umas armadilhas para animais maiores e, muitas vê-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

zes, nós apanhamos, num só dia, dois veados, algumas pacas, além do que nós ainda matávamos a tiro. Assim, num domingo de manhã, eu e José Vogel saímos a caçar; numa encosta de morro havia um pau-de-monjoca que estava carregado de frutas e as jacutingas, grandes como galinhas, deleitavam-se com os mesmos. José tinha uma boa carabina de dois canos. Êle me disse: "Tu vais para debaixo da árvore e eu vou derrubando os bichos." "Dito e feito. Êle atirou três vêzes e três aves cairam, e eram bem gordas. Nós tínhamos sempre muita carne e, para conservá-la, fazíamos um buraco no solo, em forma de barril, bem alisado por dentro e forrado com folhas de bananeiras silvestres. Ali a carne era salgada e, depois, secada e defumada.

Quando os trabalhos já iam para o fim, eu tive que voltar, sòzinho, a Blumenau para ir buscar o burro e alguns sacos para carregar tôda a carne. O burro estava habituado a caminhar por picadas e maus caminhos e era muito manso.

Certa vez, meu pai me mandou até a casa de José Rudolf, em Luiz Alves, o qual tinha uma venda; eu deveria ir buscar açúcar, sal, farinha e feijão. Eram, ao todo, 9 quilos que eu deveria carregar e o trajeto passava bem pela beira do mato. Era só picada e caminhos muitos ruins e, caminhando bem, eu teria que andar 4 horas seguidas até a venda. Eu saí bem cedo com um pedaço de macuco frito e um pedaço de pirão de feijão também passado na frigideira, com recomendação de meu pai que já havia dito a José Rudolf que eu, quando lá chegasse, passasse lá a noite e tomasse as refeições necessárias, que êle pagaria, quando por lá passasse, novamente. Quando eu lá cheguei, ainda faltava muito para o meio dia e eu disse ao sr. Rudolf que iria regressar naquela mesma tarde com as compras. Êle me disse, admirado: "Teu pai disse-me que tu passasses a noite aqui e que só amanhã cedo regressasses". Eu, então, retruquei-lhe que já descansara bastante e que, tendo feito a caminhada em quatro horas, certamente não levaria mais de cinco de volta até o rancho. Êle concordou e eu, a uma hora, pus-me em marcha de volta, caminhando muito ligeiro. Mas eu não contara com o peso da carga que eu transportava e quando eu cheguei à picada que ia pelo mato senti-me já um tanto cansado. Atravessado na picada havia um velho tronco. Eu pendurei o saco que levava às costas sôbre o tronco e sentei-me encostado a êste. O sol ainda ia alto e eu ainda tinha tempo de descansar um pouco. Mas, comecei a cochilar e peguei, afinal, no sono. Quando acordei, o sol já estava baixo e havia esfriado muito. Assustado, eu tomei da sacola e comecei, a bem dizer, a correr quanto pude. Imaginei que o sol em breve se poria e eu precisava estar no nosso rancho antes do escurecer. Constatei, então, que eu poderia bem ter ido mais devagar, pois, em vez de pôr-se, o sol estava sempre subindo mais. Eu senti-me como se tivesse levado uma pancada na cabeça e só então tive consciência de que, tendo dormido, eu passara tôda a noite sentado em plena mata.

Meu pai e meu primo admiraram-se de eu chegar tão cedo ao rancho e perguntaram ao mesmo tempo a que horas eu havia saído de Luiz Alves e eu tive que dizer-lhes a verdade; que eu, logo depois do almoço, me pusera a caminho de volta. Meu pai ameaçou castigar-me se eu não dissesse a verdade. Mas a cousa tinha sido assim mesmo e nós todos demos graças a Deus que tudo correra bem. Alegres nós continuamos o trabalho. Tivemos ainda que derrubar uma grande extensão de mato e depois regressamos a Fidélis, até que o mato derrubado estivesse sufientemen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

te sêco para a queima. Então, fomos novamente de Fidélis a Itaperiú, queimamos a roça, e fizemos a necessoria limpeza. Os troncos e galhos que o fogo não consumira, eram amontoados e queimados novamente. Plantamos a roça com milho e feijão.

Nesse entretanto, outros moradores de Fidélis requereram terras em Itaperiú, pois, então tudo era ainda terra devoluta e o mato começara a ser derrubado. Ranchos de ripas de palmitos começaram a surgir e começou ali uma vida muito ativa. Muitos dos nossos vizinhos em Fidélis venderam as colônias que possuiam ali e mudaram-se para Itapeirú, onde a terra era mais fértil. Também muito logo mudaram-se os vizinhos José Hauck, que tinha 19 filhos, Lourenço Brühmüller, Conrado Wuerges, Max Heiler e muitos outros, todos badenses e, assim, lá também surgiu uma "tifa" de badenses; foram abertos caminhos, de sorte que já se poderia ir através de Massaranduba, podendo-se viajar até lá de carroça. Nós tínhamos semeado, mais ou menos, 2 quilos de milho e colhemos 11 sacos de 60 quilos. Meus pais entretanto não se mudaram para Itapeirú. Meu pai vendeu, mais tarde, os dois lotes aos meus dois cunhados e ficou em Fidélis.

De Fidélis êle ia, muitas vêzes, com Teodoro Kleine, Krohberger e outros engenheiros para as medições de terras. Quantas vêzes eu, rapaz de nove ou dez anos, tive de acompanhá-lo, com os cavalos, até Subida, levava-se de 4 a 5 dias para fazer êsse trajeto de ida e volta. Até Subida ia-se por um estreito caminho e, dali em diante, tudo quanto podia ser despachado ia em lombo de burros; muitas vêzes as bestas caíam sob o pêso da carga e era necessário a ajuda de espeques para levantá-las. A gente se admira hoje, quando vê aquêles trilhos profundos, às vêzes até de um metro de profundidade, lamacentos e não se compreende como era possível fazer por êles os tropeiros, grandes distâncias, devendo muitas vêzes descer de suas cavalgaduras e irem a pé, porque os seus animais não podiam mais com as suas cargas.

Assim contou-me, faz pouco tempo, um antigo morador de Pouso Redondo, Hermann Reif que, por volta do ano de 1912 para lá se mudou, que êles precisaram ir de Rio do Sul a Trombudo de carroça e de lá para diante em lombo de burro; as picadas eram tão estreitas que a gente precisava de vez em quando levantar as pernas para não se ficar pendurado no matagal e de outras muitas vêzes tinha-se que abaixar bem para que os ramos e as taquaras não nos tirassem o chapéu da cabeça. "Em 1913 eu fui buscar a tua mãe, que fôra a parteira que ajudara a vir ao mundo os nossos rapazes, pois, nós só tínhamos meninos, e agora êles já estão todos casados. Tua mãe que teve que ir de Trombudo em diante a cavalo, por aquêla péssima trilha e teve também que se dobrar, muitas vêzes, para que os seus cabelos não ficassem prêsos aos galhos que avançavam sôbre o caminho. A senhora me deu muita pena. Lá em cima ainda não havia nenhuma parteira, porque os bugres não precisavam disso. Por isso eu precisava ir buscá-la tão longe. Eu sempre levava um cavalo manso, bom de sela e dessa forma a tua mãe tinha que fazer boas 10 horas de marcha, por bons e maus caminhos, até chegar em Pouso Redondo, onde minha mulher já nos esperava, saudosa. E não demorava muito que o novo herdeiro chegasse e tua mãe, então, retornava pelo mesmo caminho, para Blumenau, numa viagem de dias inteiros".

Essa viagem, minha mãe fêz algumas vêzes.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Já no ano de 1888, meu pai fôra até a Serra das Pedras e mais acima, até Campo Ilheo, tocando tropas de cargueiros. Naquela época, Rio do Sul tinha muito poucos moradores até Lontras. Ali instalou-se o sr. Schroeder, um dos primeiros habitantes, cujo filho, Oswaldo, ainda hoje tem um grande negócio em Lontras e que é muito respeitado nas redondezas. Em Lontras, onde há 55 anos atrás ainda se combatiam animais ferozes e bugres, existe hoje um belo Grupo Escolar com todo o confôrto. Há cinco anos, o Estado construiu essa casa de ensino para cooperar no florescente desenvolvimento da localidade.

Rio do Sul, teve comêço com quatro colonos e dos quais meu pai sempre falava, e que eram Odebrecht, Wehmuth, Jost e Baumann em Trombudo. Rio do Sul povoou-se com muita rapidez e é agora uma bonita cidade, com muitas indústrias, belas estradas e, já há alguns anos, tem uma ponte de cimento armado sôbre o rio; a Ponte "Curt Hering" liga as duas margens do rio, no perímetro urbano. Onde, ainda há meio século, era o habitat de feras e de índios, levantam-se, hoje prédios senhoriais, fábricas, igrejas, repartições públicas, Prefeitura Municipal, boas escolas. Parece que foi em 1912 - exatamente não posso dizê-lo - o sr. Wehmuth perdeu a sua vida numa caçada ao tigre. Êle tinha sempre bons cães amestrados para a caça aos tigres. Quando êle empreendia outra caçada, ao trepar num galho de árvore já apodrecido, o fêz tão infelizmente que caiu e, na queda a arma disparou e a carga alojou-se em seu ventre. Em pouco tempo desapareceu mais êsse pioneiro de Blumenau. Vivem ainda bem poucos dos desbravadores.

No ano de 1897/1898 e também antes e depois, meu pai acompanhou com mais 10 ou 12 homens armados as tropas de mulas cargueiras de Trombudo até o alto do Campo, até aonde ainda não se havia dado nenhum ataque dos silvícolas. Mas em 10 de abril de 1898 passava uma tropa com 40 burros de carga em marcha para Lages e Canoinhas, transportando açúcar, arroz, café, sal e outros gêneros, sem a companhia de prático bugreiro. Meu pai contou-me que êle oconselhara aos dois tropeiros que aguardassem um dia junto ao grupo armado em Pouso Redondo, pois êle, meu pai, voltaria e acompanhá-los-ia até Campo Ilheo, pois o grupo armado já havia sido dividido entre várias tropas e dividi-lo mais ainda seria perigoso. Mas o condutor da tropa tocou para diante por sua própria conta. Os que acompanhavam a tropa eram Rodolfo Reich, José Dias e um Padre Franciscano, cujo nome não conheço. Foram sem novidades até a Serra das Pedras. Não estavam muito longe do Alto da Serra, onde o pai de Rodolfo Reich o estava esperando, quando numa curva da estrada, onde esta subia e onde não havia meio de desviar, os bugres fecharam a estrada e atacaram os três acompanhantes da tropa. Rodolfo Reich recebeu uma flechada no coração e morreu. José Dias recebeu uma flecha no ombro direito, quebrou-a e fugiu pelo mato. O padre salvou-se openas com o susto; só o seu cavalo foi ferido e caiu e, no cair êle, o padre deu um salto e pelo mato subiu até o alto da Serra. Êle despiu a batina e caminhou oito horas pelo mato. Conta-se qua os bugres, achando a batina, pensaram que o fugitivo era uma mulher e por isso não quizeram matá-lo. O hábito nunca mais foi achado, tendo os bugres o carregado. José Dias chegou até a casa do guarda-linhas do telégrafo, José Salvador do Nascimento que tratou dos ferimentos. A flecha José Dias já havia êle mesmo arrancado do ferimento. Êsse, José Salvador, foi, no outro dia de manhã, ao local do ataque para encontrar o corpo de Rodolfo Reich e dar-lhe sepul-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

tura, pois, geralmente, quando tal acontecia, os bugres ficavam desaparecidos por algum tempo. Mas no caso citado, assim não aconteceu, pois, quando José Salvador se abaixou para examinar o corpo do morto recebeu uma flechada do lado direito, sob a espádua; êle abaixou prontamente a flecha do ferimento e desfechou com a mão erquerda diversos tiros na direção em que viera a flecha, e desapareceu tão prontamente quanto lhe foi possível. Quando êle estava bem longe do lugar do assalto, começou a tirar a flecha, movimentando-a de um lado para o outro até que o conseguiu. Nesse tempo chegou o bugreiro Jacob com alguns homens armados que vinham na frente acompanhando uma tropa que ia subir a serra. Êles ainda deram uma busca pelos arredores do local do assalto, mas já era muito tarde, os bugres haviam desaparecido, deixando o cadáver de Rodolfo e mais 40 burros massacrados. O cadáver foi repultado. Êle ali jazia completamente nú, pois os bugres haviam-lhe roubado tôda a roupa. Êle fôra vítima dos homens selvagens; fôra um rapaz corajoso. Uma cruz assinala ainda hoje o local do assalto.

Os indígenas obstruiram o alto do caminho com troncos de madeira, galhos e pedras para que os animais de carga não pudessem fugir e, assim, êles mataram todos os 40 Espalharam, depois, pelo caminho, tôda a carga: açúcar, farinha, café, etc. Dessarte alí jaziam os animais mortos de envolta com tôda sorte de gêneros alimentícios caros. Os bugres carregaram com os sacos vazios, com os arreios, os pelegos, as mantas etc. O resto deixaram por ali espalhado. Não havia lugar nem tempo para se enterrar os animais, pois do lado esquerdo da estrada havia alto paredão de pedra e, do outro, enorme precipício. Assim, cortaram-se as pernas dos animais mortos e jogaram-se as carcassas no abismo onde elas lá ficaram espalhadas. Tinha-se assim o caminho livre para a passagem de outras tropas.

Aquelas eram viagens penosas. Naquele tempo, porém era tudo assim mesmo, e procurava-se abafar os comentários a respeito para que a colonização não sofresse retardamento.

Já muito tempo antes dêsse acontecimento, no ano de 1895, Gottlieb Reif confiara ao ainda jovem sr. Jost, para tomar conta dêles, os seus terrenos no lugar Pombas. Nêles havia um rancho muito primitivo. Ali êle deveria fazer derrubadas de mato. Tudo foi bem, no comêço. Mas, no primeiro dia de Natal - foi como contou o sr. Jost - "tive que ir à casa de Augusto Peters encomendar algo, e recomendei aos meus dois auxiliares Carlos Klichim e Carlos Hannemann que cuidassem bem e não se pusessem a dormir, pois, os bugres andavam pela vizinhança. Mas os rapazes tinham trabalhado muito durante a semana e deitaram-se para descansar no seu catre de cipó, pois era Natal. Conversaram tanto até que adormeceram. Os bugres que, naturalmente, estavam de espreita, cairam sôbre os dois homens e a um transpassaram o coração com uma lança e degolaram o outro que ficou com a cabeça apenas prêsa ao corpo por um pedaço da pele. A linha telegráfica fôra derrubada. Já de longe eu vi a linha caída e aborreceu-me que derrubassem árvores e descessem os fios mesmo no primeiro dia de Natal. Foi grande o meu susto quando olhei para dentro do rancho e não vi nenhum utensílio nem ferramentas. Também a nossa boa espingarda não estava dependurada no lugar do costume e não se via ninguém. As camas estavam viradas de pernas para o ar. Cheio de mêdo e de preocupação olhei por todos os cantos. Ao endireitar uma das camas, que horror! dei com o meu camarada Hannemann com o pescoço cortado. Imaginei logo o que estaria debaixo da outra cama. Levantei-a e o meu ca-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

marada Klichim alí estava, com o coração perfurado, ambos mortos. Tôdas as ferramentas tinham sido roubadas. Eu voltei, mais que depressa, para Pouso Redondo, à casa de Augusto Peters, para buscar socorro. Os dois cadáveres foram sepultados no mesmo local em que haviam perecido. Não faz muito tempo, transportaram-se os restos mortais de ambos os assassinados no Natal de 1895, para o cemitério de Pombas onde, ainda hoje, depois de 55 anos da ocorrência, uma placa de ferro atesta o quanto os nossos antepassados tiveram que lutar para trazer a civilização à nossa linda terra".

Até aí a narração de Jost. Ela é verdadeira.

Em fevereiro dêste ano eu percorri a estrada de Blumenau para Rio do Sul, Trombudo e Trombudo Central e mais para cima ainda, até o Morro do Funil. Êsse morro de forma afunilada assinalava, antigamente, a divisa de três Municípios: Lajes, Curitibanos e Blumenau. Blumenau era, naquele tempo assim enorme. Mais tarde começou a ser subdividido em pequenos municípios. Por tôda a parte se encontram ainda hoje nomes de dedicados blumenauenses. A Ponte "Curt Hering", na cidade de Rio do Sul, recorda ainda hoje o nome de um distinto blumenauense que muito trabalhou pela sua terra. Dalí para cima também se vêem, por tôda Colônia, bonitas casas e rocas de milho e arroz; onde, em 1908, ainda se faziam armadilhas para apanhar tigres, para acabar com êsses ferozes animais, existem hoje hotéis que hospedam viajantes. Proporcionando bons serviços, encontram se, por tôda parte, cafés, restaurantes, dentistas, hospitais e outras oficinas do progresso que, há 55 anos, não se poderia nem mesmo imaginar, como, por exemplo, lá onde meu pai, com a sua turma, estava construindo uma estrada pela serra das Pedras. Entre êles estava também meu tio Alberto e o seu filho Luiz. Êste tinha, havia anos já, um tumor no rosto, ao lado esquerdo que já estava do tamanho de um ôvo de pombo. Certo domingo, meu pai, observando o tumor, disse a meu tio: "Alberto, nós vamos cortar êsse tumor do Luiz. Isso não vai lá ser tão difícil". Tio Alberto concordou, com a observação de que êles precisariam, para isso, de cachaça e sal e acrescentou: "E ontem acabou-se a cachaça e nós precisamos de cachaça e sal para a operação afim de que não sobrevenha nenhuma infecção e nós não temos outros preparados. "Bem, disse meu pai, amanhã vem outra tropa com carregamento para nós e também virá cachaça; vamos deixar então a operacão para terça-feira". Assim foi feito. Na terça-feira de manhã, Luiz não devia tomar café. Todos os demais foram para o serviço, ficando apenas os três no rancho e começaram a operação. Tio Alberto segurou a cabeça do filho, ajeitando-a para o corte Em menos de um minuto a operação estava pronta. O corte foi lavado com cachaça e sal e Luiz teve que ficar todo o dia no rancho, cozinhando o feijão. O corte foi recoberto com um pouco de cêra de abelhas, que foi retirada três dias depois. Então o ferimento estava já cicatrizado. A cicatriz ainda pode ser vista hoje, quando Luiz já ultrapassou os setenta anos de idade, sempre com saúde e boa disposição, Assim eram as operações no mato.

Assim tinham os colonos, muitas vêzes, que fazer por si mesmos, pela vida. Assim, quando alguém quebrava uma perna, tomava-se, à guisa de gaze engessada, uma taquara cortada em lascas finas, ajeitava os ossos quebrados, firmando-os com as taquaras ao redor da perna, com tiras de pano. Essas eram retiradas quando a fratura havia se consolidado. Geralmente essa operação era feita com sucesso.

Nunca eu ouvi dizer que alguém morresse de mordedura de cobra.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Antigamente, quando alguém era mordido por uma cobra, punha imediatamente sôbre a ferida, um chifre de veado queimado. Êsse chifre absorvia o veneno e, quando estava saturado, caía; punha-se, então, outro pedaço de chifre queimado sôbre a ferida e enquanto êle ia absorvendo o veneno, punha-se o que havia caído, dentro de leite de vaca, quente. Êste absorvia o veneno do chifre que era novamente pôsto sôbre o ferimento quando o segundo caía saturado.

Certa vez eu observei o caso de um homem que fôra mordido por um jararacuçu, durante uma pescaria. Quando regressávamos à casa, tínhamos que atravessar um caminho muito estreito, entre capim bem alto. Íamos três à frente, quando o quarto, que ia atrás de nós, o sr. A. Schwanz, de repente gritou que um enorme jararacuçu o havia mordido na barriga da perna e não a havia soltado; no grande susto, ele pisou o réptil com o outro pé, arrancando-lhe a pele e, então, a cobra desprendendo-se de uma, mordeu-lhe a outra perna; aí então já tínhamos chegado em socorro e matamos a cobra. O ferimento fôra um verdadeiro rasgão. Levamo-lo gravemente ferido até o salão Schneider, que era a casa mais próxima e onde o mesmo poderia ser socorrido. Mas não poderia lançar-se mão do recurso do chifre de veado porque o ferimento era muito extenso. Então, envolvemos ambas as pernas, à altura da coxa, em toalhas embebidas em querozene, dando-se de beber, ao ferido, muito leite e cachaça, que êle, entretanto, vomitava, revolvendo-se no assoalho e gritando de dor. Por todo o corpo começaram a aparecer bolhas d'água e de pús, que abríamos para tirar o veneno do corpo. Depois de duas semanas de dôres êle melhorou, curando se inteiramente.

Lá pelo ano de 1895, meu pai comprou uma colmeia de abelhas. Muitos colonos dos arredores tinham abelhas que eram muito produtivas, assim também as nossas; mas meu pai parava muito pouco tempo em casa e, tôda vez que as abelhas enxameavam, minha mãe mandava fazer caixas no marceneiro, o que era sempre muito incerto. Eu, então, como rapaz de dez anos meti-me, eu mesmo, a fazer as colmeias. Em pouco tempo eu aumentara o colmeial para 25 caixas. Eu tinha nisso grande prazer. Quando o milho florescia e as abelhas voltavam para as suas colmeias carregadas de pólen e quando, em outubro, chegava a época da colheita, meus pequenos irmãos não cabiam em si de alegria provando o saboroso e rescendente mel de flôres de milho. Deliciosos tempos aquêles, ainda que tudo fôsse de ingênua simplicidade. Todos viviam alegres e satisfeitos.

Quando eu completei 13 anos de idade e fui confirmado, ganhei o meu primeiro par de sapatos. Mal podia caminhar com êles. Fomos para a igreja de carroça. Levei os sapatos na mão até a porta da igreja. Ali eu os meti nos pés. E, mal terminada a cerimônia, tirei-os novamente ao sair da igreja. Ia-se depois para o Freygang, ou para a senhorita Lieschen Strobel, vis-à-vis do Strobel. Alí se tomava o primeiro café da manhã, que custava 4 vinténs (800 réis) acompanhado de um grande pedaço de cuca, ou um pãozinho de bom tamanho, com o que ficava-se mais que satisfeito. Subia-se à carroça, com os sapatos na mão e chegava-se satisfeito e feliz, novamente em casa. Depois, costumava-se calçar, umas duas ou três vêzes por semana, os sapatos para se acostumar a andar com êles. E isso ia se tornando necessário, pois, já havia se fundado, em Fidélis, uma Sociedade de Atiradores. E quando esta realizava a sua festa e a Banda de Música dos Kästners começava a tocar, todos tinham que estar a postos, crianças e velhos. As mocinhas,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

em grandes grupos, lá iam para o salão de baile, com os sapatos nas mãos quando o tempo era chuvoso, o que não raro acontecia, Ia-se, então, enterrando os pés na lama, até os tornozelos. Ao chegar-se ao salão, ia-se primeiramente ao lavatório para lavar os pés e as pernas, e vestir, então, os sapatos lustrados de novo e todo faceiro, entrava-se, então, no local do baile. O prazer de dançar de sapatos, muitas vêzes, não durava muito tempo, pois êles começavam a apertar demais. Isso, entretanto, não era problema, pois, tirava-se o calçado e a festa continuava. Muitos diziam que isso é que estava direito, pois podia-se dar vivas ao rei do tiro mesmo sem sapatos, tanto mais que o próprio rei do tiro, não raras vêzes, tinha que ficar descalço por que os sapatos o estavam molestando, de tão apertados.

Nunca pude esquecer uma peça que então pregamos. Nós éramos, em Fidélis, uma boa turma de rapazes entre 12 e 14 anos. Havia uma das costumeiras reuniões dançantes da Sociedade dos Atiradores e nós sabíamos que as mocinhas, quando iam aos bailes, iam sempre juntas porque tinham que passar diante do cemitério onde, dizia-se, apareciam fantasmas. Naquele dia, os pedreiros tinham trabalhado no cemitério, fazendo túmulos e colocando placas e ali haviam deixado alguns barris vazios. Nós rapazes, aproveitamos a oportunidade e puzemo-nos escondidos, á espreita, dispostos a, quando as mocinhas passassem, soltar os barris morro abaixo, os quais iriam cair na água, do outro lado. Realmente, com pouca demora, apareceram 10 a 12 meninas e alguns rapazes. Quando êles estavam próximos, nós soltamos um barril que caiu nágua justamente quando os bailarinos iam passando. Assustados, começaram a gritar e, correndo, voltaram para trás. Demorou, mais ou menos, uma hora, e apareceu um grupo de, pelo menos, 40 pessoas, entre as quais, naturalmente, os pedreiros que, naquele dia haviam trabalhado no cemitério. Quando a tropa se aproximava, podia-se ouvir que falavam de qualquer coisa que havia pulado na estrada e caído nágua e noutras coisas que, devido o embaralhado da conversa não se podia compreender. Nesse momento, nós largamos o segundo barril que, saltando na estrada, foi cair nágua, do outro lado. Estabeleceu-se o mesmo pânico da outra vez. Mas os dois pedreiros quizeram ir ao fundo do mistério. Mas nada mais encontraram que os dois barris, boiando nágua. E começaram a xingar contra os marotos que haviam pregado aquela peça, citando, entre outros, o meu nome. E partiram para o cemitério para apanhar-nos. Mas nós já havíamos desaparecido através da capoeira, rindo-nos a valer da peça bem sucedida que havíamos pregado. Os bailarinos, certamente, ainda sentiam o medo e as pernas a tremerem enquanto dançavam e por muito tempo ainda xingavam os marotos que lhes haviam pregado o susto, o que, aliás, pouco adiantou, pois, ninguém nos denunciou e as coisas ficaram por isso mesmo.

Era gente feliz aquela da Tifa dos Bandenses. Também na Sociedade dos Atiradores a gente se sentia bem. Ao quanto me recordo, era presidente da Sociedade Jerônimo Wuerges, um valente campeão do desenvolvimento social. E como foi importante, para êle, o discurso que têz quando Paulo Zimmermann foi Rei do Tiro. Êle dissera, entre outras coisas, : "Que fôra uma honra, não só para a Sociedade, como para tôdo Fidélis, que Paulo Zimmermann fôsse escolhido Rei do Tiro".

Houve sempre a melhor harmonia entre os badenses.

Há ainda muitas outras histórias interessantes para serem contadas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Morava numa tifa, em Massaranduba, um colono badense que vencera pelo seu trabalho. Sua espôsa era uma dona de casa diligente e tinha duas filhas muito trabalhadeiras, mas que já haviam passado dos vinte, sem qualquer perspectiva de casamento. Certo dia o sr. F. chegou ao Fidélis e permaneceu alguns dias em casa de B. Êsse senhor B. tinha dois filhos homens, que também já tinham ultrapassado de muito a casa dos vinte anos. E veio a conversa sôbre casamentos, sôbre a constituição de família etc. E, então, o sr. F.. entre outras coisas, ia dizendo que não sabia a que atribuir a pouca tendência das filhas para o matrimônio, pois além de não serem feias, já possuiam, cada uma delas, uma vaca, eram moças muito trabalhadeiras e êle era dono de muitas terras. Os moços ouviam com muita atenção a conversa. Um dêles chamava-se D. e o outro L. Então disse L. a D. "Isso é um negócio que bem serviria para nós dois. Assim, enquanto a gente fôsse para o trabalho, teria quem ficasse cuidando da casa". Perguntaram, então, ao sr. F. se êle não teria nada contra se êles dois o acompanhassem até Massaranduba para conversarem com as suas filhas e até, possìvelmente, noivarem com elas.

"Bem, disse o sr. F." estou de perfeito acôrdo. Quando chegarmos lá, eu apresento a minha filha mais velha ao D. e, depois, chamo a segunda filha e apresento ao L. e assim ficarão juntos os dois mais velhos e os dois mais moços". Dito e feito. Na manhã seguinte, foram selados os cavalos e lá partiram êles para examinar as noivas. O sr. B. desejou aos filhos muitas felicidades pelo noivado e boa viagem.

Depois de seis horas de cavalgada, chegaram bem dispostos à casa do sr. F. Meio tímidos sempre foram os colonos, mas a senhora F. apareceu à porta. O sr. F. acenou-lhe e ela veio até êles, tôda alegre, recebê-los. O sr. F. apresentou-lhe, então o moço D. Êste pensou que era aquela a sua futura noiva e notou que era já um pouco velha demais para êle. Mas, logo em seguida, também o outro moço L. foi apresentado à senhora e o sr. F. disse desculpando-se: "Eu esqueci de dizer-lhes que essa aí é a minha mulher". Ambos riram-se. Então foi chamada a senhorita B., a quem foi dito: "Aqui está um moço que quer te conhecer". Ela apresentou-lhe, alegremente, a mão, e convidou-o a entrar em casa. Depois foi chamada a segunda moça, com a mesma apresentação e também ela convidou L. a entrar e sentar-se.

Enquanto a senhora F. preparava um suculento almôço, sentaram-se os pares na sala, a conversar. De repente a senhorita B. levantou-se e disse a D: "Puxa! Nós ainda não tiramos o leite das vacas". "É isso mesmo, retrucou o outro, quando a gente está amando, esquece até de tirar o leite das vacas". As moças levantaram-se e, acompanhadas dos rapazes, foram até o curral das vacas.

Ali chegados, os rapazes perguntaram: "E onde é que está a ração dos animais"? Elas responderam: "Nós ainda não fomos cortá-la hoje". "Bem, disse L., hoje vocês não precisam ir cortar a ração, nós dois iremos fazer isso para vocês". "Muito bem, responderam as duas moças, ao mesmo tempo; isso é muito bonito da parte de vocês dois". E os dois começaram a cortar a ração e a colocá-la nos coxos. As duas senhoritas não tinham mais que fazer do que, apenas, mungir as vacas.

E D., que era a mais moça então disse: "Ai, se a coisa fôsse sempre assim..."

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

"Ué, isso poderá sempre ser assim! Onde há amor, um ajuda o outro". "E vocês também sabem ordenhar?", perguntou B. "Isso é coisa que todo colono tem que saber, pois, que será do colono se a mulher um dia ficar doente e êle não souber nem mesmo como se tira leite de uma vaca?". L. respondeu: "Isso seria de dar risada, pois qualquer um entende um pouco dessas coisas".

Nisso, a senhora F. chamou-os para o almoço, e o sr F., entrando no curral das vacas, observou: "Hoje vocês até esquecem de comer". "Oh, papai!, responderam as duas moças ao mesmo tempo, a ordenha hoje estava tão bonita e tão breve, pois êsses dois aí cortaram a ração e a colocaram nas mangedouras. Êles sabem fazer tudo tão bem!... "Sim, sim, respondeu F. Pelo tempo que vocês estão aqui podia-se ter ordenhado umas 10 vacas.. Mas, venham, venham comer que o meu estômago já está pedindo e o mesmo deve acontecer com os dêsses cavalheiros..." E todos foram para a mesa. O apetite era grande e os dois rapazes encheram-se até empanturrarem-se de sorte que pareceu, às vêzes, que as damas estavam no ímpeto de dizer: "Puxa! como vocês comem!..." E os moços lançavam uns olhares de través para as moças que as faziam corar profundamente. A senhora F. preparara um almôço supimpa: aipim, batata doce, galinha assada e sauerkraut. Isso sabia bem, e coisa assim ainda ali não acontecera. O sr. F, quebrou o silêncio, dizendo aos dois rapazes: "Comam, comam à vontade; quem come bem é bom trabalhador". "Nem sempre", replicou B. "Certa vez tu tiveste um trabalhador que comia por três e só trabalhava por um". Ao fim do almôço, todos levantaram-se e D., enchendo o coração de coragem, chegou-se à Frau F. e perguntou-lhe se ela não se opunha se êle lhe pedisse a mão da senhorita B; e que o sr. F. já estava ao par disso. "Naturalmente", disse a senhora F., "se a nossa B. gosta de você, nada tenho eu contra". B ficou tôda confusa e pensou: "Como não? Se êle continuar assim bravo como é hoje, eu gostarei sempre dêle". Então os pais tomaram as mãos dos noivos e colocaram umas nas outras, desejaram aos dois as bençãos de Deus e, assim, êles ficaram noivos. E então L. também se encheu de coragem e pediu a mão de P. A senhora F. amarrotou todo o avental branco de tanta emoção e lágrimas de alegria desciam-lhe pelas faces quando o sr. F. abraçando lhe a cintura, dizia-lhe: "Estas e as horas do nosso casamento foram as mais felizes da nossa vida. Se os nossos filhos tiverem que ser tão felizes como nós fomos, que se casem". E tôda a casa brilhava de felicidade. Os dois pares estavam noivos. E já se planejava sôbre a construção das suas casas e chegou-se à conclusão que construiriam uma casa geminada, junto ao pequeno ribeirão, enquanto as famílias ainda permanecessem pequenas. Mais tarde uma das famílias poderia mudar-se para a casa dos pais e êstes poderiam construir outra casa menor para êles. Os casamentos foram marcados para o mês seguinte e, até que a nova casa ficasse pronta, os dois casais morariam com os pais. Os dois jovens prometeram voltar cada domingo para visitar as noivas e, na manhã seguinte, puzeram-se de regresso á casa. A despedida foi dolorosa, mas era apenas por pouco tempo. E ao partir, os noivos abanavam com os lenços, cantando:

"Muss i denn, muss i den zum Stadele hinaus
und du, mein Schatz bleibst hier..."

De volta à casa, os móveis necessários foram feitos o mais depressa

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

possível e com tôda simplicidade; de pouca cousa precisava um casal: uma cama dupla, um par de cadeiras, um guarda-comidas, uma mesa de jantar. Armários as noivas já possuiam há muito tempo. Chegou o dia do casamento. Já de manhã bem cedo, o movimento era grande. Aquecia-se o fôrno para os assados de galinhas e gansos; outros enfeitavam as carroças que transportariam os noivos e as testemunhas até a igreja. Tudo fôra encomendado duplamente, para os dois casamentos. Isso dava muito trabalho e era preciso apressar-se, pois a jornada era longa e pretendia-se estar de volta para o almôço. Foi um problema que deu dôres de cabeça às duas noivas o enfiarem os seus belos vestidos de casamento. Mas, enfim, tudo ficou pronto para a partida. Todos estavam alegres. Os dois noivos tinham a satisfação impressa no rosto ao olhar cada qual para a respectiva e bela noiva. Dado o sinal de partida lá se foram todos para o casamento. As quatro testemunhas cavalgavam à frente do cortejo, uns 50 ou 100 metros adiante da carroça dos noivos. Em todo o percurso, até a igreja, onde se realizaria a cerimônia, essas testemunhas davam vivas aos noivos diante de cada casa pela qual passavam. E quando, a seguir, os noivos passavam diante dessas casas, dali partiam salvas de morteiros. A família F. tinha amigos por tôda parte. As festas de casamento duravam, geralmente, três dias. Depois, voltaram às suas responsabilidades e ao seu trabalho e os novos maridos tudo faziam para que nada faltasse às suas espôsas e estas, por sua vez, eram gratas e fiéis aos seus maridos, dando-lhes, depois de dez meses, cada uma delas, um rapazinho com uma diferença, apenas, de dois dias um do outro. A parteira Joana (que era minha mãe) contou-me depois que nunca vira tanta alegria por um parto quanta observara naquela casa. "Os avós F. não sabiam mais o que fazer de tanta alegria e assim também os dois jovens maridos, contava minha mãe, me enchiam de elogios e agradeciam a Deus, de todo a coração, pelo bem estar da sua família". Os casais voltaram a trabalhar a terra com nova coragem e inteira dedicação. As famílias viviam uma verdadeira vida colonial; o número de filhos aumentava de ano para ano e as crianças cresciam como brasileiros fortes e saudáveis, aumentando sempre mais a população de Blumenau. Sim, naquele tempo não se conheciam os modernos sistemas de educação dos filhos, mas tinham-se mulheres e crianças saudáveis e fortes. Conheci muitas famílias que tinham de 12 a 16 filhos e as mães eram sempre bem dispostas e trabalhavam diàriamente nos serviços de lavoura além das ocupações domésticas. E como os esposos se estimavam um ao outro e eram mùtuamente fiéis, servindo de exemplo aos filhos! Nunca se ouvi dizer que um homem casado mantivesse relações amorosas com outra mulher que não a sua própria.

Muitos dos rapazes da Colônia tiveram que trabalhar duramente, na derrubada do mato, na construção de suas casas; as doencas também castigavam muitos colonos, principalmente o chamado "mal da terra". Mas também nesse particular os colonos sabiam como se ajudar. Havia uma espécie de árvore, denominada figueira da qual, na lua minguante, se extraía a seiva, denominada "leite de figueira", dando-se ao doente uma ou duas colheres de sopa. Mas êsse remédio teria que fazer efeito dentro de uma hora, do contrário seria preciso dar-lhe mais uma boa dose de óleo de rícino. O paciente não deveria deitar-se. Acontecia às vêzes que o doente sentia-se tão fraco com o tratamento que era preciso sacudi-lo bastante até que o remédio tivesse produzido efeito. Depois que isso acontecia, êle deveria deitar-se e dormir. E depois tinha-se que ser muito cauteloso com a alimentação; durante dias inteiros deveria dar-se-lhe apenas alimentos leves. Mas também não demorava

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

muito e as côres voltavam às suas faces e o doente ficava curado. Recorria-se ao médico em caso de extrema necessidade.

Muitos filhos de colonos iam também aprender um ofício, pois os artezãos também eram muito necessários na colônia. Os funileiros tinham que fazer latas para manteiga, pois já haviam sido criadas fábricas de lacticínios. Outros iam procurar serviço fora. Existia, também, uma mina de prata no Alto Garcia que empregava muitos trabalhadores. Pensava-se em ganhar prata, mas, ao invés, o salário era muito baixo. Construiu-se ali uma casa para o administrador que, anos depois, servia de morada para os gambás e para os lagartos, pois a mina de prata não dera resultados e fôra abandonada. As construções ruiram e foram cobertas pela erva daninha e pelas trepadeiras. Êsse fato, entretanto, contribuiu muito para o desenvolvimento do Garcia, inferior e médio, que deu largos passos no caminho do progresso, graças às suas boas terras, muita madeira e ainda quedas d'água para engenhos de serrar, moinhos, marcenarias, engenhos de açúcar e outras indústrias de sorte que o lugar foi logo muito povoado. Então Júlio Probst construiu uma pequena tecelagem que também se desenvolveu muito e é agora uma grande indústria, que fatura milhões e que dá sustento e moradia a milhares de operários. Ocupa hoje uma área apreciável da cidade e hoje se encontra muito ampliada, tendo-se construído uma segunda fábrica com uma magnífica fiação, que ocupa também muitos operários.

Também mais para cima, onde, mais ou menos há 50 anos atrás, os bugres haviam assaltado a casa da família Schreiber, matando uma mulher e roubando tudo quanto encontraram, existem hoje belas casas, muita agricultura e criação de gado e casas de negócio bem prósperas, tudo devido ao labor, à atividade e ao zêlo de imigrantes alemães.

As gerações passadas tiveram dias bem difíceis. Muitos dos colonos diziam aos filhos: "Vocês não devem querer ser colonos; vocês devem aprender alguma coisa para que a vida lhes corra mais fácil". E, de fato, muitos agricultores foram para as fábricas e outras atividades e, mesmo assim, até as mais longínquas tifas foram povoadas e colonizadas. Por onde quer que se deitem os olhos, veêm-se casas e plantações. As nossas autoridades estaduais e municipais vêm cuidando, há muitos lustros, da melhoria das raças leiteiras para uma maior produção de manteiga e sua exportação.

A Estação Agro-Pecuária de Rio Morto, acima de Indaial, muito cooperou para isso, para melhorar o gado dos colonos. Indaial, assim como Timbó, a partir de 1910, muito desenvolveram a sua indústria e o seu comércio. São disso atestado as firmas Schroeder, em Indaial e Lorenz em Timbó que abatem centenas de porcos por dia e têm grandes engenhos de serrar, etc. Há ali também hospitais e maternidades muito florescentes. Até acima de Benedito Novo, Santa Maria por tôda parte é densa a população, a terra é fértil e os homens trabalhadores que estão ajudando a nossa Pátria, o Brasil, no seu admirável progresso. Também o antigo distrito de Blumenau, Rodeio, povoado na sua maior parte por italianos, também muito se desenvolveu. Ali a principal cultura é a do arroz; há risicultores que colhem até 2.000 sacos de arroz. Ali, como em Benedito Novo, o govêrno construiu bonitos Grupos Escolares, dispondo de tôdo confôrto. São assim, municípios muito prósperos.

Quando, agora, que Blumenau completa o centenário da sua fundação, a gente considera essas coisas, principalmente o desenvolvimento rápido

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

dos transportes, lembra-se de quando o sr. F. G. Busch para cá trouxe o primeiro automóvel. Era um automóvel que tinha uma chaminé e era movido a vapor. Como eram então as nossas estradas? A ponte do Garcia ficava muito abaixo do caminho (hoje rua 15 de novembro) de sorte que, para passá-la, descia-se de um lado e subia-se pelo outro. Nós, crianças, muito admiradas ficávamos da maneira como aquêle carro podia rodar sem cavalos.

O sr. Busch construiu também a primeira usina elétrica de Blumenau, assim como a primeira fábrica de fósforos. Foi sempre um homem muito empreendedor, mas não teve a sorte que bafejou o filho do mesmo nome que, no ano do centenário de Blumenau, é o prefeito da cidade, proprietário do Cine Busch e gerente do Banco Sul do Brasil.

Nesta época de centenário de Blumenau, existem aqui quatro grandes casas bancárias, enquanto em 1905 não havia nenhuma. Lembro-me bem ainda de quando eu trabalhava como aprendiz de marcineiro na firma Emílio Gropp & Filhos, na Vorstadt (hoje rua Itajaí). Eu recebia, então, um ordenado de 25$000. Gastava-se pouco dessa importância, pois a casa e comida estavam incluidas no salário. Assim, deixava-se em mãos do patrão a maior parte do ordenado. No fim do ano fazia-se as contas e, então, recebia-se uma ordem e ia-se buscar o dinheiro na casa de Alvin Schrader. Se não se precisasse dêle, deixava-se-o em depósito na firma até a outra prestação de contas. Emílio Gropp & Filhos possuiam naquele tempo uma grande marcenaria e uma fábrica de caixinhas para charutos e Schrader era a representante e banqueiro da firma. Daí essa última firma partiu para uma organização bancária que muito se desenvolveu.

Um pouco para baixo da firma Gropp & Filhos, já pelo ano de 1900 havia a grande olaria Koch, diante da qual se passava para ir à casa do dr. Fritz Müller. Aí o rio fazia uma grande volta, chamada "Capim Volta", como dizem os brasileiros. Junto a essa grande curva de rio moravam os primeiros blumenauenses, antes mesmo que surgisse o nome de Blumenau, Pedro Wagner e Pedro Lukas. Cercados da mata virgem, ameaçados pelos bugres e pelas feras e protegidos, apenas de um lado, pelo rio, os dois corajosos homens, com suas mulheres e filhos ali se estabeleceram, construiram, os seus ranchos, derrubaram mato e fizeram plantações e, em breve, as suas propriedades estavam perfeitamente habitáveis. Para as mulheres era mais penoso. Todos os anos punham um filho no mundo, tendo que prescindir de todo auxílio e confôrto, até que Blumenau estivesse mais povoado. A senhora Wagner morreu ao dar à luz ao décimo segundo filho, deixando o marido com todos êles ainda pequenos, de sorte que não podendo ficar assim por muito tempo casou-se com uma senhora ainda moça. Também a segunda espôsa dera-lhe doze ilhos. Teve assim Pedro Wagner 24 filhos e todos criaram-se à beira das matas blumenauenses. Dois dos filhos mais moços que eu conheço, moram ainda em Blumenau: a senhora Kaestner, nata Wagner, de 75 anos de idade, moradora na Velha (Jararacabach), cujo filho Ernesto é meu cunhado e o filho dêste é meu genro, ambos construtores e Arnoldo Wagner, que mora em uma parte das terras do seu pai, no Capim-Volta. A outra parte das terras dos Wagners constitui, hoje, a bela fazenda Schmalz, de criação de gado de raça.

Tenho, ainda hoje, gratas recordações de Pedro Wagner e de tôdas as belezas naturais, que os nossos filhos e netos não verão jamais. De uma dessas recordações alegres, quero falar agora:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Certa vez meu pai mandou-me ir, das profundezas das matas de Massaranduba, onde nos achávamos, no ano de 1895, até a casa de negócio de Henrique Wolff. Não havia ainda nem pontes, nem estradas e eu tive que fazer uma caminhada de duas horas, através da floresta, mais uma hora por um estreito caminho carroçável e, ao todo, eu tinha que caminhar 6 horas. Era uma tarde muito quente de verão e, quando eu já estava de volta, surpreendeu-me, no meio do mata, uma forte tempestade de chuva e vento. O vento levantava nuvens de pó e gravetos, retorcendo os galhos das árvores com um ruido infernal. Eu mal podia enxergar. Tinha, também, de proteger contra a chuva a carga de café, açúcar e fósforos que eu levava e procurei um abrigo. À direita do caminho, a uns 6 ou 8 metros dêste encontrei uma grande figueira. Sua copa tinha, pelo menos, uma circunferência de 50 metros e as raízes emergiam em confusão da terra, até uma altura de uns dois metros. Essas raízes proporcionaram-me um excelente abrigo. A tempestade castigava os ramos da grande árvore e a chuva chicoteava-os com violência mas eu me achava em lugar seguro. Isso durou mais ou menos uma meia hora. Passada a tempestade, o sol brilhou novamente e eu preparava-me para continuar a marcha, quando ouvi acima de mim um ruido como de sons de trompa. Olhei para cima e contei, nada menos, que quarenta monos de pele vermelha. Durante a tempestade êles tinham se escondido entre os grossas forcadas de galhos e, agora, entoavam o seu hino de ação de graças. O admirável em tudo isso era que o "Pai Velho" (assim nós chamávamos o mono que tinha uma enorme barba inteira, em vez de simples cavanhaque) é que entoava a "canção", que o bando todo acompanhava. Êle dava os três primeiros sons que os demais repetiam e no final, como numa ordem geral, todos paravam a um só tempo. Depois o "Velho Pai" reiniciava o estribilho que todos iam continuando. E assim a "cantoria" ia por uma meia hora ecoando pela mata inteira. É interessante o "concêrto" que êsses animais organizam. Quando dois dêsses grupos se defrontam, tendo, entretanto, a separá-los uma vale ou ribanceira e a gente se encontra nesta, e presta bem atenção verifica que um grupo só começa a "cantar" quando o outro grupo termina a sua "melodia".

Naquele dia eu ainda me mantive observando o comportamento daqueles animais por algum tempo e, durante a caminhada de volta ao rancho, ia medindo sôbre a razão do "canto" daqueles quadrumanos.

Chegando ao nosso acampamento, ali não encontrei ninguém, pois meu pai e seu sobrinho, passada a chuva, tinham voltado para o trabalho, mas o feijão prêto, com um pedaço de carne de paca, ainda estava quente Eu trazia comigo um excelente apetite e fiz honra àquelas iguarias. No mato sempre se cozinhava tanto que dêsse também para a ceia e eu fui até o ribeirão, lavei os pratos e vazilhas servidas do almôço, que ainda tinham ficado sem lavar, pois aquêle sempre tôra meu trabalho. Quando eu aprontava a comida, punha-me depois a cantar até que os meus companheiros voltassem do trabalho.

Havia ali uma espécie de pássaros que, das 6 às 9 horas da noite faziam tal algazarra que não se podia dormir. Nós os chamávamos de "Neunen Schläfer". Viviam ali em grande quantidade. Faziam os seus ninhos à beira do ribeirão e eram do tamanho de um sabiá. Se a gente não o conhecesse, assustar-se-ia dêles, pois o seu canto era uma espécie de lamento: "mu. . . mu. . . mu. . ." mas tão freqüente e forte que ecoava

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

longe. Mas, pontualmente às 9 horas êles punham um ponto final no "concêrto" até o dia seguinte às seis da tarde, quando, então o reiniciavam. Pela manhã, eram os bem-te-vis e os sabiás que nos acordavam, ou então os pica-paus com os seus gritos estridentes, fazendo com que saltássemos da enxêrga de cipó com os primeiros albores da madrugada. Fazia-se o café que tomavámos, sem pão, naturalmente. De vez em quando fazíamos polenta que era depois frita na frigideira e que nos servia de pão no café da manhã; um pedaço qualquer de caça, ou de carne sêca assada na brasa, ou ainda um churrasco. Isso, porém precisaria ser levado ao local do trabalho, para que os trabalhadores não perdessem muito tempo com as idas e vindas. E isso sabia melhor que as melhores iguarias nos melhores hotéis.

Bons e despreocupados tempos eram aquêles! Não se precisava esperar por ônibus; andava se a pé, ou então ensilhava-se o cavalo, sem necessidade de gasolina. Se o caminho era muito ruim, arregaçava-se as calças e tocava-se para diante, ou então dormia-se no mato, como aconteceu certa vez, comigo e com José Vogel. Nós tínhamos derrubado dois macucos e perdemos depois o rumo do nosso rancho e, em vez de nos aproximarmos dêle íamos nos internando sempre mais no mato. Meu pai dera uma porção de tiros e gritos que nós, entretanto não ouvíramos por já ter ultrapassado o cume do morro e seguimos o grunhir dos ouriços. Tivemos que passar a noite em plena floresta. De comer tinhamos, apenas, a carne das aves, mas sem sal que assamos ao fogo e, assim, acalmamos a fome. Dormir é que não podíamos devido aos muitos mosquitos, e, assim, sentamo-nos junto à raiz de uma árvore. O fogo teve que ficar aceso a noite inteira devido à feras e, assim, tivemos que passá-la em guarda. No dia seguinte de manhã, José subiu ao cume do morro e pôde certificar-se da direção certa. Meu pai também fizera sinal com alguns tiros e, assim chegamos novamente ao acampamento, onde meu pai nos censurou muito. Voltamos ao trabalho. À tarde meu pai comunicou-me que, dentro de uns 8 ou 10 dias eu poderia voltar para casa e buscar o burro para carregar a carne de caça sêca ao sol. Os trabalhos estariam até lá prontos e bastaria regressar depois de alguns meses para colher o milho. Nem se pode imaginar como fiquei contente de voltar para casa, depois de semanas e semanas de ausência, rever minha mãe e meus irmãos. Apesar da perspectiva de ter que fazer duas vêzes a viagem, a pé, numa caminhada de 10 horas, a minha alegria foi grande.

Depois de algum tempo de eu ter deixado a escola, continuei trabalhando na roça com meus irmãos e minha mãe, pois papai ficava muito tempo fora nos trabalhos de construção de estradas e exercia também outros encargos, conforme já disse, várias vêzes, anteriormente. Grande parte do trabalho caía nas minhas costas. Quando meu pai, mais tarde, se demorava mais tempo em casa, fui aliviado de todo trabalho. Meu pai fêz-me deixar o trabalho de roça, mandando-me aprender o ofício de marceneiro, para o qual eu tinha gôsto e habilidade. Êle levou-me à marcenaria dos Padres Franciscanos, em Blumenau. O meu primeiro mestre foi Frei Columbano que me tratava muito bem e eu também estava muito satisfeito. Mas faltava-me a liberdade a que eu estava acostumado. Fiquei ali um ano e meio. Muitas vêzes eu saía escondido, o que, no Colégio não era permitido. Então puzeram-me na alternativa: ou deixar essas escapadas secretas, ou abandonar o Colégio. Eu escolhi esta última. O meu mestre ficou muito penalizado com a minha saída, mas eu era vivo e alegre demais para ficar num convento e,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

assim, fui para a marcenaria de Rudolf Herbst na "Kaiserstrasse (Rua do Imperador, atual Alamêda Rio Branco). Alí terminei o meu tempo de aprendizado. Naquele tempo, Herbst construira o já há muito tempo desaparecido "Teatro Frohsinn". Para êste, tôda o madeira teve que ser preparada a mão. Eu ganhava já um bom salário. Mas Herbst mesmo demorava-se pouco na oficina, pois ele trabalhava muito em pontes e outras construções. Ofereceram-me um lugar na marcenaria de Emílio Gropp que eu aceitei. Recebia ali um salário de 25$000, para trabalhar 10 horas por dia, com casa e comida. Eramos vários marceneiros e trabalha-ve bem. Permaneci ali até o ano de 1905, quando nos disseram, a mim e a outro marceneiro môço, Guilherme Nuss, que, em Pôrto Alegre, um oficial marceneiro ganhava 4$000 por dia e isso era muito dinheiro.

Notificamos os nossos patrões que deixaríamos o emprêgo, arranjamos, cada um, um alforje e puzemo-nos, a pé, a caminho de Pôrto Alegre. Atravessamos a selva, sem caminhos, sem pontes e só em Lajes foi que descançamos um dia. Depois marchamos novamente para diante. Muitas vêzes tivemos que dormir em pleno campo aberto. As casas eram poucas e situavam-se muito dispersas e escondidas, de sorte que nunca se sabia onde encontrá-las. E, deitados ao relento, olhando a vastidão do firmamento, como sentíamos saudades de Blumenau. Lá eu possuia também um pequeno bandônion, que tocava regularmente. Eu toquei algum tempo com Ernesto Bernhard em aulas de quadrilha. Eu obrigara-me, por um certo tempo, a tocar todos os sábados, das 8 da noite até as 3 da madrugada, por 5$000. Essas aulas de quadrilha duraram 3 meses; a cada sábado eram ensaiadas as quadrilhas, duas vezes cada noite, durante o restante do tempo dançavam-se outras peças, e assim eu ganhava com a música outro tanto do que ganhava como marcineiro. Apenas era um trabalho penoso ganhar êsse dinheiro aspirando o cheiro do álcool, dos cigarros e a poeira e eu dava graças a Deus quando se passava uma noite, durante a qual, não raro, surgiam brigas que acabavam com as danças, até que a ordem fôsse restabelecida, depois do que elas continuavam até às três da madrugada.

Mais agradáveis eram os domingos a tarde. Os rapazes da Vila reuniam-se na oficina Gropp. Os bancos de carpinteiro eram arrastados para um canto, eu tocava e dançava-se até a noite quando todos voltavam alegres e bem dispostos para casa.

Eu pensava nisso tudo quando, deitado no campo aberto, não conseguia conciliar o sono. E como era doce recordar a Fräulein Clara que todo dia fazia a nossa cama e chamava-nos pela manhã: "Alô. . . Levantem-se! O café está na mesa». E nós saltávamos da cama e tomávamos, alegres o nosso café com leite, com pão de queijo tão saborosos. E agora? Quem nos viria chamar neste campo tão longínqüo. Nós nos deitávamos bem encostados um do outro, cobertos com um poncho fino, pois, já era o mês de abril e aqui em cima fazia frio e nós nos revolviamos de um para o outro lado, à espera que o dia clareasse a fim de que pudéssemos seguir adiante. Levantamos-nos realmente muito cedo e alcançamos ainda naquele dia a Vila de Vacaria. Alí podíamos, pelo menos, comer novamente à vontade, pois, caminháramos o dia todo com fome; apenas, enganáramos o estômago comendo gabirobas que encontráramos. Também na Vila conseguimos dormir melhor, pois as camas eram limpas. Ao anoitecer saciáramo-nos com uma saborosa feijoada com arroz. Na manhã seguinte, depois de tomarmos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

café e com alguns biscoitos no alforje, que ao meio dia já tínhamos devorado puzemos a caminho. Desejávamos chegar, ainda naquele dia à freguesia de São João. Tendo, entretanto, tomado o caminho muito à direita, não encontramos freguesia alguma e tivemos que dormir ao ar livre e com o estômago vazio. No dia seguinte, porém, por volta do meio dia, chegamos à casa de um fazendeiro, que nos recebeu muito cordialmente, convidando-nos a passar o resto do dia e a noite com êle, para podermos descansar, o que realmente fizemos. Assim nós atravessamos o campo.

Na noite antes de alcançarmos São Francisco de Paula, nós dormimos num pequeno capão de mato. Pelas nove horas, alguém gritou nos de longe: "Ô compadre, posso chegar?" repetindo a pergunta umas quatro ou cinco vêzes até que eu respondi afirmativamente. Aproximou-se um homem montado num bonito burro e perguntou-nos se estávamos com fome. Dissemos-lhe que não tínhamos comido durante todo o dia. Guilherme, o meu companheiro de viagem, mantinha-se desconfiado diante do homem, que era um negro; pensava que êle quizesse roubar-nos. Nós sabíamos falar muito pouco o português, mas nós nos entendemos com êle. Quando êle começou a desencilhar e a desmanchar as suas trouxas, desapareceu tôda a reserva que mantivéramos a princípio. Êle nos deu um bom pedaço de carne sêca e farinha. A carne foi bem lavada e depois enfiada num espêto, junto ao fogo. O negro, que era um homenzarrão, fêz o mesmo. Fervemos água numa chocolateira de fôlha e, numa bacia, também de fôlha, que o homem havia trazido, fizemos pirão e todos dêle comemos. Apesar da carne estar bastante salgada, tivemos que fazer duas baciadas de pirão. Esquentamos água novamente e o chimarrão foi servido. O chimarrão prepara-se numa cuia, que é cheia de erva-mate, entre a qual se enfia uma bomba de prata; põe-se, depois, água fervendo até a bôca da cuia e vai se chupando através da bomba que tem uns 20 centímetros de comprimento. A cuia vai passando de mão em mão até que a bebida fique muito fraca, quando, então, pondo-se a erva servida fora, enche-se novamente a cuia, que torna a passar de mão em mão, ou melhor, de bôca em bôca.

A princípio, o meu companheiro Guilherme estava com pouca vontade de pôr a bôca na bomba, mas afinal resolveu-se. Por fim o prêto deu ao meu conpanheiro um bom pedaço de fumo, pois êle gostava de fumar e já fazia dias que não tinha mais fumo. Eu não apreciava fumar e enquanto os dois tiravam baforadas dos seus cigarros, o recém-chegado perguntou-nos de onde vínhamos. Eu disse-lhe que de Blumenau e que estávamos a caminho de Pôrto Alegre, onde prentendíamos arranjar serviço. E observou: "Ah! Blumenau é a pequena Alemanha de Santa Catarina". E assim êle ficou também sabendo porque nos falávamos tão mal o brasileiro. Êle desejara há muito ter feito uma visita o Blumenau, mas tivera medo de atravessar a floresta, onde viviam bugres. Eu lhe fiz ver que, apesar de ter tido medo também, havíamos atravessado, a zona que os silvícolas habitavam. Com saudades, passei a contar-lhe, tão bem quanto me ajudava o meu mau português, uma porção de coisas bonitas sôbre Blumenau. Depois êle deitou-se sôbre os arreios, cobriú-se com uma manta e, pouco depois, roncando em profundo sono, enquanto a sua montaria, que êle amarrara, relinchava contìnuamente. Guilherme insistia em não dormir. Êle tinha medo que, durante o sono, o negro nos matasse. Eu, entretanto, deitei-me e dormi profundamente. Quando acordei, eram 4 horas e estava extremamen-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

te frio. Também o cavaleiro levantou-se, amarrou a sua montaria em outro lugar, para que ali pastasse. e sentamo-nos todos a tomar chimarrão e prepamo-nos para continuar a viagem. Então o negro oferece-nos para levar os nossos alforjes no seu burro até São Francisco de Paula, onde êle nos esperaria e onde podíamos chegar, se andássemos bem, ao meio dia. Entreguei-lhe o meu alforje com tôda a minha roupa e os meus sapatos. Guilherme, entretanto, não o fêz, dizendo-me que o negro poderia fugir e deixá-lo sem nada de vestir quando chegasse a cidade. O negro perguntou-nos ainda se tinhámos dinheiro e ao dizer-lhe eu que possuíamos, os dois, ainda 15$000, êle retrucou que, com êsse dinheiro não chegaríamos a Pôrto Alegre Disse-nos mais que nos esperaria no Hotel Serrano, na Vila; ao meio dia e indicou-nos bem o caminho que deveriamos seguir e, dizendo "até logo" tocou à frente. Nós marchamos atrás. Em poucos minutos, perdemo-lo de vista. Era muito cedo quando nos puzerámos em marcha e pouco depois alcançamos o rio Santa Cruz que deveriamos vadear. É um rio muito largo, mas não muito profundo. Tivemos entretanto que tirar as calças. Guilherme vinha já com muita sêde e, ali na margem, havia uma pedra bem lisa que mergulhava até o fundo do rio. Guilherme deitou-se nela e pôs-se a beber. Acontece que êle tinha o relógio no bolso superior do paletó e, no êle inclinar-se, o relógio caíu nágua. Via-se o relógio brilhando lá no fundo do rio, mas, naquele local, as águas tinham, pelo menos um metro de profundidade. Que fazer? Tinhamos que fazer as coisas de tal jeito que não turvassemos a água e, assim, perdessemos de vista o relógio. Guilherme tirou a roupa e me disse: "eu me deito em cima da pedra e tu, segurando-me as pernas, vais me soltando de vagar dentro dágua, até que eu alcance o relógio. Quando eu o tiver na mão, taço-te um sinal com o pé e tu me puxas para cima. Dito e feito. Segurei Guilherme pelos pés; êle respirou profundamente, depois mergulhei-o n'água de cabeça para baixo. Notei dali a pouco que êle movimentava o pé e eu, julgando que êle queria afundar mais, fui empurrando-o. Mas, o homem começou a espernear muito e eu, então, puxei-o para fora e êle quase sem fôlego, disse-me: "Por pouco que me afogaste, seu maroto!" Mas ele trazia o relógio no qual a água ainda não havia penetrado e, por isso, trabalhava. Quando chegamos ao outro lado do rio, ainda nos lavamos um pouco, para ter melhor aparencia quando chegássemos à vila. Entretanto, o meio dia já passara há muito e nós não víamos nem vestígio da Vila. Guilherme dizia-me: "Eu, pelo menos, estou com o meu alforge e a minha roupa. Os teus tu nunca mais os verás". Caminhávamos apressadamente. Um pouco antes das duas horas da tarde, ao galgarmos uma pequena colina, descortinamos a Vila diante de nós. Não cabíamos em nós de tão contentes. Em pleno campo levantavam-se as elegantes construções de São Francisco de Paula. Apressamos ainda mais o passo e, em pouco tempo, estávamos chegando á Vila. A rua principal era bonita e larga. Dirigimo-nos ao Hotel Serrano e, de longe, já vimos o nosso companheiro da noite anterior encostado à porta, acenando-nos.

Entramos no Hotel Serrano, onde o nosso amigo negro nos tinha reservado almôço, pagando-o. Êle entregou-me o alforje, assegurando-me que tudo estava como o havia recebido, pois ninguém tinha mexido nele. Ele ainda desejou-nos bom apetite e despediu-se com um aperto de mão, com um abraço e um "até outro dia", montando no burro e pondo-se a caminho de Rolante. Nunca mais nos vimos, mas eu sempre me lembro do bom homem negro, cujo nome eu nem sei. O proprietário do Hotel Serrano era o Senhor Martin Saul que também falava alemão. Êle conseguiu-nos uma passagem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

até Rogeto, numa carroça, pela qual pagamos 2$000. Rogeto ficava a meio caminho de Taquara do Mundo Novo. Desta teríamos que fazer ainda quarenta quilômetros, que seria a derradeira etapa da nossa caminhada a pé. Em Taquara, que então já era uma pequena cidade, arranjamos serviço para ganhar o suficiente para seguir até Pôrto Alegre. Guilherme arranjou serviço na casa de Franz Morbach e eu na de Henrique Ritter. Morbach construira muitos moinhos de vento para trigo, milho, arroz, e Ritter era a marcenaria mais atreguezada de Taquara. Até lá, tínhamos caminhado dezessete dias a pé, três de carroça, de sorte que estivéramos em viagem por 20 dias seguidos. Deixáramos Blumenau a 5 de abril de 1905 e chegáramos em Taquara a 25. De lá ia-se de trem até Pôrto Alegre. O meu amigo Guilherme não ficou muito tempo em Taquara e viajou para Pôrto Alegre. Eu queria ir em sua companhia, mas o meu patrão pediu-me para ficar mais algum tempo. Êle pagava me um bom salário. Eu recebia 3$000 por dia, livres, enquanto Guilherme recebia em Pôrto Alegre 4$000, mas tinha que pagar 40$000 de pensão por mês. Eu já tinha economizado algum dinheiro, quando caí doente de tifo, passando muito mal. Um médico, Raxeck tratou-me. Eu morava numa meia água de J. Backes, que tinha uma xarqueada e abatia 6 a 8 cabeças de gado por dia, entre as quais, muitas vêzes, vacas próximas a parir. O médico recomendou ao meu patrão Ritter que comprasse cabeça de vitela e fizesse com ela caldo sem sal ou outro tempêro que eu deveria tomar três vêzes ao dia.

Para o meu chefe fôra um divertimento barato, pois, essa era a espécie de alimento que se dava aos porcos; quando eu tinha sêde, podia tomar também daquele caldo frio, às colheradas, mas bem poucas. Eu sabia do que se tratava e, por isso, a sopa tornava-se cada dia mais saborosa. Depois de quatro semanas eu pude levantar-me outra vez, muito fraco e sem cabelos. Trabalhar é que eu não podia ainda. Quando o médico me visitou pela derradeira vez, disse que eu fôsse me restabelecer na Pensão Hampel e que ali as fôrças me voltariam. Isso êle me dissera na presença do meu patrão. Eu, então lhe fiz ver que a Pensão de Cima da Serra só recebia gente que tinha dinheiro e eu não tinha nada. Êle então me disse: "Bem já que tu não morreste, vou te devolver 50$000. Foi bom que tu tivesses comido sempre a sopa de vitela com disposição, pois senão tu terias morrido e eu ficaria com o dinheiro todo. O meu patrão concordou com o médico e também resolveu me dar outros 50$000, dizendo-me: "Com isto podes te tratar".

Era a primeira vez que êle me tratava por tu. Agradeci-lhe pela boa obra e prometi-lhe que seguiria, no dia seguinte para a Pensão. Contei o fato aos meus colegas de trabalho. Êles riram-se de mim, dizendo-me que isso só poderia acontecer mesmo a um blumenauense que tivesse tomado tanta sopa de vitela, pois, um taquarense preferiria esticar as canelas a saturar-se de caldo de bezerro não nascido. Eu lhes retruquei que era de se dar graças a Deus que nos havia dado êsse meio de curar-se.

Quando fazia já quatro semanas que eu estava na pensão, sentia-me já bastante forte e meus cabelos cresciam ralos. Mas o meu dinheiro estava se acabando. Contei isso ao dono da pensão e êle disse-me que eu poderia ficar ali, contanto que fôsse consertando algumas janelas e portas da casa, e mesmo fazendo novas. Êle me pagaria 4$000, livres, o que era um bom salário. Eu permaneci ali por três meses e, nesse meio tempo, visitei o meu primeiro patrão em Taquara. Quis devolver-lhe os 50$000, mas êle negou-se em recebê-los dizendo-me que eu lhe tinha saído mais barato do que

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

se tivesse de sepultar-me. De Taquara eu segui para Pôrto Alegre, mas lá eu não me sentia tão bem como numa cidade pequena. Por isso, embarquei no vapor "Itapaci" com destino ao pôrto de Rio Grande. Permaneci ali uns quantos meses, trabalhando e depois fui para São João do Monte Negro, onde também não fiquei por muito tempo. Dali fui a Santa Maria da Bôca do Monte e, mais tarde, voltei dali para Taquara do Mundo Novo. Encontrei-me, ali com dois carpinteiros, meus conhecidos, os quais haviam feito um contrato com o filho do Coronel Joaquim Pedro Batista, que ia casar-se, para a construção de uma grande casa de madeira. Êle pagava 5$500, livres, por dia e as despesas de viagem. Tínhamos que levar conosco as ferramentas. Tôda a casa era de pinho e as tábuas tinham que ser aplainadas e encaixadas uma por uma. Êsse era o trabalho dos carpinteiros, Para mim ficaram as portas, janelas, sanefas e os móveis, polir e envernizar. Era uma casa muito bonita. De princípio, os dias foram muito chuvosos. Os carpinteiros ajudaram a cortar e aplainar as madeiras para as janelas, assim como aplainar e encaixar as tábuas do assoalho. Era um trabalho bem agradável e que durou um ano, até que tudo estivesse pronto. Pela manhã, em vez de café, nós tomávamos cada um uma garrafa de leite gordo, com biscoitos ou pipocas, às 8 e meia café com farofa, às 11 horas almôço com feijão, arroz, batatas, sempre com carne muito boa; às 2 horas café com biscoitos. às cinco da tarde, mais ou menos o mesmo do almôço, mas com sobremesa e à noite chimarrão. Eu trabalhei dois meses mais que os carpinteiros e fiz todos os móveis para os noivos e assim passou-se o tempo. Isso foi muito longe, no Campo, onde o coronel tinha uma grande fazenda e uma criação de 4.000 cabeças de gado, cavalos e burros. Eu comprei dêle um dos melhores burros para fazer a viagem de volta a Blumenau. Eu estivera fora por bem uns 3 anos. Meu amigo Guilherme casara-se em Pôrto Alegre. Tive então que viajar sòzinho. Saí de Taquara em direção ao litoral de Tôrres. Eu não havia cavalgado ainda um dia quando me disseram que indo por São João e pela Serra das Pedras Brancas eu economizaria 80 quilômetros de estrada. Segui êsse conselho e por Pedras Brancas, Orleãns do Sul, Florianópolis, cheguei a Blumenau depois de 21 dias de viagem. Eu tinha muita bagagem; o burro ia bem carregado e eu não queria maltratar o animal. Apesar de muitas contrariedades, cheguei bem disposto a Blumenau, onde, entretanto, só permaneci alguns meses.

Em seguida, tomei o vapor "Blunenau" e fui até Itajaí e, daí, segui com o vapor "Max", da firma Carlos Hoepcke, para Florianópolis. Trabalhei ali três meses, na marcenaria de Gassenferd. Depois, embarquei no vapor argentino "Cruz de Malta", que transportava bananas, com destino a Buenos Aires. Tive, porém que desembarcar em Montevidéo. Daí segui para Buenos Aires no vapor de rodas "Colômbia". Era um vapor muito bonito, que fazia o transporte de passageiros entre Buenos Aires e Montevidéo e que saía desta cidade ao amanhecer, enquanto um navio semelhante da mesma linha partia de Buenos Aires. Eu permaneci pouco tempo na capital argentina. Aconteceu que, certa manhã, o "Colômbia" ao deixar o pôrto de Montevidéo, devido à densa neblina e à péssima sinalização, foi abalroado pelo transatlântico alemão "Schlesien", afundando-o. Havia a bordo muitos passageiros, que ainda dormiam. O número de mortos foi grande. Um grande cão policial, que havia sido apresentado em Buenos Aires, também se encontrava a bordo, numa cabine, juntamente com o seu dono, a mulher dêste com um filhinho de três anos. Ao se dar o desastre, a criança e o cachorro

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

foram atirados como por milagre fora da cabine, enquanto o dono e a mulher ficaram trancados e se afogaram.

Caindo nágua, a criança não fôra logo ao fundo e o cão, nadando, acercou-se dela. A criança agarrou-se à cauda do animal que, deixou-a salva na praia. Fêz-se uma subscrição a favor da criança e não houve quem não dêsse, de boa vontade, uma esmola.

Assim que eu cheguei em Buenos Aires, não encontrei emprêgo imediatamente. Não quiz trabalhar numa fábrica de móveis de judeus; alguns conhecidos aconselharam-me a ir procurar um trabalho na Agência de Emprêgos. Disseram-me que havia um, mas para obtê-lo teria que pagar 10 pesos; eu pechinchei, oferecendo 5. O agente zangou-se e xingando-me disse: "Ve te embora, portuguese de mierda, para te no tiene nada". Como eu falasse português êle pensou que eu era de Portugal. No mesmo dia eu encontrei um lugar de garçom no Hotel Deutscher Bund; fiz ali muitos conhecimentos e também ganhei muito bem, pois davam-me muitas gorjetas. Não havia ainda três semanas que eu estava no Hotel, quando conheci o engenheiro Radetzki que trabalhava para a firma Holzmann & Cia. de Frankfurt am Main que construia, juntamente com outras firmas italianas e inglêsas, uma grande Usina Elétrica. Eu lhe disse que gostaria de trabalhar novamente como marcineiro e que aceitara o emprêgo de garçom apenas para "Quebrar o galho". "O que? disse-me êle, tu és marcineiro? E tens ferramentas? Podes desde já começar a trabalhar conosco. Nós pagamos 20 pesos por 9 horas de serviço e se tu quizeres trabalhar por empreitada, podes ganhar até 25 pesos. Eu aceitei a proposta e ganhei muito bem. A Usina deveria estar terminada até as festas do centenário, a 1°. de maio de 1910. Quando a obra foi acabada, eu obtive um emprêgo no Palácio da Exposição para explicar o funcionamento das máquinas de beneficiar madeiras da firma Kirschner, de Leipzig. Em fins de 1910, quando encerrou-se a exposição, eu voltei para o Brasil. Primeiramente fui ao Rio Grande do Sul, com o vapor brasileiro "Prudente de Morais". Permaneci algum tempo em Pôrto Alegre e, depois andei pelo interior, em São Leopoldo, Caxias e outras cidades e, em 1911, viajei com o vapor "Itapaci" para Florianópolis Mas, na noite em que deixáramos Pôrto Alegre, apanhamos uma tempestade tão forte, na Lagoa dos Patos, próximo a Pelotas que o navio foi atirado sôbre um banco de areia, onde encalhou. Para que o navio flutuasse novamente, era preciso abrir-se um canal, pois êle estava quase sôbre a terra sêca. Uma lancha transportou-nos para Pelotas, onde embarcamos no vapor "Itajubá" para Florianópolis. Um mês depois, com o vapor "Ana" viajei para Itajaí e com o "Blumenau" para Blumenau. Trabalhei novamente algum tempo na firma Gropp & Filhos, sem deixar de matutar para qual o lugar de minha próxima viagem. Eu já havia completado 27 anos de idade, e era tempo de pensar em constituir família. E, realmente, pouco depois fiz amizade com a senhorita Augusta Strobel, muito bonita, alegre e sincera. Ela cantava muito bem.

Entretanto, aconteceu a grande enchente de outubro de 1911. Eu construi, às pressas, uma canoa e remei até a casa de minha namorada. Perguntei às duas mocinhas se elas queriam dar uma volta de canoa comigo. Elas me responderam que se os pais não tivessem nada contra, iriam. Fiquei com vergonha de dizer: "vocês vão e perguntem a êles". E então resolvi eu mesmo ir pedir licença aos pais. Êle estava na porta da casa, olhando as águas que haviam invadido tudo, cumprimentei-os amàvelmente, e, um tanto

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

receioso, perguntei-lhe se as duas senhoritas não poderiam dar uma volta de canoa comigo. O pai foi logo dizendo: "Por mim..." A mãe, porém, aduziu: "Mas tomem muito cuidado para não virar..." Eu assegurei-lhe que tomaria muito cuidado e nós embarcamos na canoa. As duas moças abanaram aos pais que nos observavam sorrindo. E nós navegamos, navegamos... Foi uma tarde alegre que me encheu de amoroso bem estar, como eu nunca sentira na vida. Nós conversamos, rimos, cantamos belas canções e navegamos para cima e para baixo. O tempo passou célere e nós não podíamos ficar muito tempo fora para evitar preocupações aos pais. Levei as môças novamente para casa, onde os pais já as esperavam e, ao despedirmo-nos, nossos olhos traiam o desejo de ver-nos novamente. Naquele tempo foi também fundada em Itajaí a Fábrica de Papel Itajaí e o sr. Gottlieb Reit mandou perguntar, por minha mãe, se eu não queria me encarregar do grande trabalho de carpintaria. Eu aceitei a proposta e, uma semana depois, parti para Itajaí, mas, a cada duas semanas eu voltava a visitar meus pais em Blumenau. Em 1911 ainda não existiam linhas de autos ou de autônibus. Viajava-se com o vapor "Blumenau", ou com o "Progresso" e êstes, assim mesmo, só trafegavam quando havia água suficiente no rio. Durante as grandes sêcas, os dois vapores chegavam apenas até Belchior, e dali devia-se seguir a pé ou de carro para alcançar Blumenau, de sorte que às vêzes só se chegava a Blumenau altas horas da noite. Os navios também não viajavam diàriamente. Certa vez eu prometi à minha namorada de ir buscá-la à noite para a festa dos Ginásticos; mas, ó susto! não havia vapor; não perdi tempo em cálculos e meti-me a caminho, a pé, pela manhã e às 8 horas da noite eu chegava a Blumenau. Mas a minha pequena não queria mais ir comigo; ela também sabia que não viria nenhum vapor e, portanto, que eu não chegaria. Quando me viu, disse-me assustada: "então havia mesmo vapor...' Eu deixei que ela continuasse acreditando nisso, pois eu me envergonhava de dizer-lhe que eu viera a pé. Era sábado, mas todos tinham ainda muito que fazer; a mãe serzia meias, as môças bordavam ou faziam crochê; tinha-se consciência das responsabilidades nos cuidados da casa, do meu futuro lar, e, assim, as coisas foram tomando o seu rumo. Nós havíamos trocado mùtuamente confissões de amor e, em março de 1912, por ocasião do aniversário da minha namorada, ficamos noivos. Mas eu teria que, primeiramente, pedir aos pais a mão da môça, o que deveria suceder no domingo seguinte. Isso realmente aconteceu. Eu já havia, de véspera, conversado a respeito com meus pais e meus irmãos e todos se alegraram. Meu pai e minha mãe também gostavam da "Guste" e, assim, pela manhã, eu fui à casa dos meus futuros sogros. Quando ali cheguei, perguntei às duas irmãs menores da minha noiva, Ananda e Elsa que brincavam no pátio, diante da casa, onde estava a Augusta. Elas me responderam que estava na cozinha, descascando batatas. Eu fui até lá, encontrando tôdas ocupadas em preparar o almôço. À minha entrada, disse-lhes bom dia a tôdas se perturbaram. O sangue subiu às fases de Augusta, que sabia a que eu vinha; a mãe, estendendo-me a mão, perguntou-me se eu vinha ajudar em alguma coisa. Eu lhe disse que, se houvesse algo em que pudesse ajudar, o faria com gôsto. E tomamndo a mão de Augusta, eu disse à sua mãe: "Vocês já sabem que eu e Augusta nos amamos e se vocês não tiverem nada contra, nós desde já somos noivos"! Rindo muito disse a mamãe: "Eu já sabia que vocês se gostavam, desde a enchente; eu desejo a vocês bençãos e felicidades". Com a mãe havíamos transposto a barreira. Faltava o pai. Chegamos a êle, que se achava na sala, sentado, fumando o seu cachimbo. Êle pareceu espan-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

tado ao nos ver entrando de mãos dadas. Eu fiz-lhe ver o que se passava em nossos corações. "Bem, disse êle, se vocês se amam, podem noivar; mas casar-se só em dois anos. Augusta é ainda muito môça, mal chegou aos 18 anos". Eu concordei em que nós poderíamos esperar. A data do noivado foi marcada para 26 de março. Eu regresssei a Itajaí, para o meu serviço na Fábrica de Papel e a minha noiva, que já há anos trabalhava na fábrica Hering, como chefe de uma secção, também voltou aos seus encargos. Os seus chefes louvavam muito a sua pontualidade e competência. Quando anunciamos o noivado, o Onkel Hering, uns dias depois, disse-me: "Você poderia ter escolhido outra môça da nossa fábrica, não precisava ter-nos tomado justamente a melhor de tôdas". Não se incomode, Onkel Hering, disse-lhe eu, ela ficará ainda muito tempo na fábrica, pois, nós só nos casaremos em dois anos. Nesse meio tempo, outra poderá aprender o serviço. "Muito bem", disse Onkel Hering, "mas geralmente, quando há noivado há logo casamento. Em todo caso, eu me congratulo com vocês de todo o coração".

A festa de noivado foi muito alegre. Vieram amigos e amigas de perto e de longe, trazendo-nos os seus votos de felicidades. Nós nos sentíamos felizes e o somos até hoje e assim desejamos permanecer, nas alegrias e nas tristezas, até o final de nossa vida.

Os trabalhos na Fábrica de Papel duraram até 1912; as máquinas já começaram a funcionar, fabricando papel. Em virtude de ter trabalhado constantemente na umidade, apanhei uma sinusite que me obrigou a tratamento pelo Dr. Bachmann. Êle tudo fêz para curar-me, mas não o conseguira. Êle sugeriu, então, que eu fôsse procurar recursos no Rio de Janeiro, onde havia especialistas nessas doenças. E acrescentou que, se eu fôsse ao Rio de Janeiro, poderia até, se quizesse, ir à Alemanha. A passagem do Rio até Hamburgo custava só 80$000 de terceira classe. Eu pensei sôbre o caso e acabei concordando com o doutor. Entretanto, nada disse nem à minha noiva, nem a meus pais. Disse-lhes, apenas, que estava fortemente resfriado e, quanto à viagem à Europa, fiz-lhes ver que eu desejava muito conhecer a terra natal dos meus pais e, também, como marcineiro, aprender muita coisa na arte e que, dentro de um ano, eu estaria de volta, quando, então teria lugar o meu casamento; prometi também que traria muita coisa para montar a nossa casa, como lençóis, cortinas e muita coisa mais que, lá, se comprava muito mais barato, pois, naquele tempo o marco estava a 700 réis, portanto muito favorável. Todos, com certa dificuldade, concordaram comigo e eu empreendi a viagem a Itajaí a 2 de abril de 1913. Minha noiva, com algumas amigas, acompanhou-me até Itajaí. Aí tomei passagem no vapor "Karl Hoepcke" até o Rio de Janeiro. A despedida da mulher que eu amava foi, para mim, a pior hora da minha vida. Restava-nos, porém, a esperança de um breve regresso.

No Rio, tive que esperar ainda alguns dias. Tratei de conhecer a cidade; viajei no bondinho do Pão de Açúcar, fui ao Jardim Zoológico e a outros recantos dignos de serem vistos. Embarquei no vapor "Blücher", em 3ª. classe, pagando 80$000. Mas a terceira classe não me agradou e, quando já estávamos em viagem, eu perguntei ao comissário de bordo se eu não poderia mudar para a segunda classe, que eu pagaria a diferença. Na terceira, viajavam muitos italianos, portuguêses e espanhóis. O comissário fêz os calculo, e disse-me que a diferença a pagar era de 40$000. Eu paguei a diferença e passei para a segunda classe onde as camas tinham roupa branca e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

as mesas do refeitório também tinham toalhas brancas; num grande salão, boa comida, etc. Foi uma bela viagem e a 22 de abril descemos em Hamburgo. Nessa cidade eu passei alguns dias, tendo visitado o jardim zoológico de Hagenbeck, em Stellingen, escrevi cartas e cartões postais à minha noiva e aos meus pais. Depois segui com o trem, passando por Bebra, Kassel, Frankfurt am Main, Heidelberg, Schwetzingen até Woghäusel, em Baden. Na aldeia próxima de Kerrloch, morava ainda uma minha tia a quem eu desejava, antes de mais nada, fazer uma visita e pedir-lhe conselhos sôbre como eu poderia agir pela maneira mais prática e para que a operação não me saísse muito cara. Eu deixei a minha bagagem na estação de Woghäusel e fui a pé, pela bela estrada aberta na mata, até Kerloch. Eu já havia escrito à tia Frenz que eu iria à Alemanha e me dirigiria primeiramente a Kerrloch, de sorte que todos aguardavam já a minha chegada. Era um domingo, depois da páscoa, quando geralmente a igreja católica realiza a primeira comunhão das crianças. Justamente a cerimônia estava terminando na igreja. As ruas estavam cheias de gente. Quando eu cheguei na aldeia fui logo apontado como o "brasileiro que estava para chegar" e, realmente, uma dúzia de homens rodearam-me e perguntaram-me no seu dialeto, se eu era, realmente, quem êles pensavam. Eu acenei que sim e êles estenderam-me a mão muito cordialmente. E enquanto estávamos conversando, um dêles disse: "Pois êle fala tão bem alemão como nós". Êles levaram-me até a casa de tia Catarina. A casa encheu-se de visitantes e, durante uma semana, eu era convidado a visitar de uma casa a outra, para jantar e dormir. Tive, porém, que transferir essas visitas para outra oportunidade. Minha tia mui acertadamente, aconselhara-me a procurar o seu parente Fritz Eisinger, em Heidelberg, que era um funcionário da estrada de ferro e que certamente providenciaria para que eu não gastasse muito com a minha operação. Isso realmente aconteceu. Fritz Eisinger perguntou-me se eu poderia ainda trabalhar, pelo menos, umas duas semanas e, tendo eu respondido que até por mais tempo, se fôsse necessário, êle foi comigo à fábrica de vagões da firma Fuchs & Cia, em Kirchheim, perto de Heidelberg. Ali eu consegui um lugar como marcineiro, na seção de janelas e tive, naturalmente, que me inscrever imediatamente na Associação dos Trabalhadores em Madeira para conseguir um atestado como inválido. Eu pude assim começar a trabalhar. Durante a viagem, o meu estado de saúde melhorara muito e eu já comecei a pensar que não precisaria mais fazer a operação. Como, entretanto, na oficina tudo era cimentado e, ainda por cima, vieram uns dias muito frios, o meu mal agravou-se repentinamente e eu dei parte de doente ao meu chefe, engenheiro Müller, que me ajudou a tomar as necessárias providências e eu fui levado à clínica otor-rino-laringológica em Heidelberg. Ali eu fui, primeiramente examinado por assistentes, que constataram ser o mal muito sério. Veio depois o médico-chefe Beck que chamou o professor Kummel que me perguntou se eu era casado. Eu lhe respondi que era apenas noivo. Um dos médicos assistentes interrompeu-me para dizer que eu era brasileiro, nascido em Blumenau, Santa Catarina, com 27 anos de idade, marcineiro da firma Fuchs & Cia. Perguntou-me se eu tinha pais vivos e onde moravam, ao que eu respondi que sim e que moravam em Blumenau; que meu pai se chamava Jacob e que minha noiva se chamava Augusta Strobel e também morava em Blumenau. Perguntou-me mais se eu tinha dinheiro depositado em algum lugar, ao que eu respondi que tinha algum depositado no Banco Alemão (Reichsbank) e que a respectiva caderneta estava com Fritz Eisinger, na Kirchstrasse, 23. Não era muita coisa, mas que eu estava dis-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

posto, logo que sarasse, a pagar alguma coisa à Clínica. O professor então me disse que, nesse caso, êles se esforçariam por fazer com que a minha noiva não notasse as cicatrizes dos talhos que teria que levar no rosto e rematou: "Tu ficarás aqui e, amanhã cedo vais ser operado". Eu perguntei-lhe se não poderia, antes, dar conhecimento do fato ao meu chefe, ao que êle respondeu que da clínica mesmo êles teleforar'am avisando. Uma enfermeira indicou-me o leito que eu deveria ocupar. Era um quarto com quatro camas. No leito que eu passei a ocupar, estava inscrito o meu nome e enderêço e demais indicações sôbre idade, minha atual residência etc. Pensei comigo que a coisa parecia bastante séria, mas eu estava convencido de que ficaria bom novamente. Durante todo o resto do dia, não me foi dado nada para comer e, na manhã seguinte, muito cedo, fui conduzido a uma sala de operações, devidamente aquecida, e imediatamente cloroformizado e operado. Durante a operação eu me acordei e dei alguns gemidos, mas puzeram-me logo alguma cousa no nariz e eu dormi novamente até o dia seguinte. Quando acordei, duas irmãs enfermeiras faziam massagens nas minhas pernas. Eu tinha a cabeça fortemente ligada e os braços também eu só podia mover muito pouco. Quiz falar, mas senti qualquer coisa de estranho na bôca; também nada enxergava pelo ôlho esquerdo. Uma das enfermeiras, a irmã Wally disse-me que eu não falasse; que tudo correra bem e pondo-me um tubo na bôca por êle fêz-me ingerir um remédio que sabia a vinho. Senti-me bem melhor e, dali a pouco também entrou o Dr. Beck que, brincando, me disse: "Em 14 dias tu, meu brasileiro selvagem, poderás novamente correr pelas florestas do Brasil". Realmente eu fiquei perfeitamente curado e depois de cinco semanas eu pude voltar ao trabalho. Durante êsse tempo recebi uma carta da minha noiva e que a Irmã Wally bondosamente me leu. Depois das cinco semanas de convalescença, voltei para o meu serviço na firma e trabalhei até o mês de setembro. A 13 de outubro de 1913 foi inaugurada a grande feira de Leipzig e também o monumento da Luta Popular de 1813. Como o engenheiro Fuchs, da firma Fuchs & Cia. ficasse, muitas vêzes, por horas inteiras, ouvindo eu contar novidades sôbre o Brasil, êle me disse certa ocasião: "Em Leipzig foi inaugurada a grande exposição de Arquitetura, que você, meu brasileiro, deverá ver, assim como assistir à inauguração do monumento à batalha de 1813. O seu lugar aqui ficará sempre a sua disposição. Mas você deve ir, porque lá há muita coisa para você ver". Eu não titubeei e toquei-me para Leipzig. Tinha eu ainda boa recordação de um saxônio que viajara comigo na mesma classe do Rio de Janeiro para Hamburgo. Chamava-se Richard Worms, de Leipzig. Em viagem, conversáramos muito e êle contou-me que fôra ao Rio de Janeiro, a chamado, como marmorista e deixara a mulher e dois filhos em Leipzig, para mandar buscá-los depois. Aconteceu que, entretanto, êle não ganhava o suficiente para viver e, por isso, depois de dois meses, deixou o serviço e empreendeu a viagem de volta a Leipzig. Êle estava até sem dinheiro para pagar a viagem de Hamburgo a Leipzig e solicitou-me 50 marcos emprestados, que prometeu me pagar tão logo fôsse possível. Deu-me o seu enderêço e o de um tio que tinha um grande restaurante em Leipzig, recomendando-me que se um dia eu chegasse à sua cidade e êle ainda não me tivesse devolvido a importância do empréstimo eu poderia descontá-la da hospedagem no restaurante do referido tio. Êle não queria, também, chegar em casa sem um tostão no bolso e encontrar-se, assim, com a mulher e os filhos. Fiquei com pena do homem e, em Hamburgo, entreguei-lhe os 50 marcos que êle pedira. Êle seguiu para o norte e eu para o sul. De

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Heidelberg eu mandei-lhe o meu endereço, tendo êle me respondido imediatamente. A 4 de outubro eu tornei a escrever-lhe que, a 6 dêsse mês, às 5 da manhã eu partiria com o rápido de passageiros, em direção a Leipzig e pedia-lhe que fôsse me esperar na estação. O trem chegou tarde da noite e, assim mesmo, mal eu entrara no Bar da Estação para tomar um refrêsco eis que me aparece o meu Richard, com um carro para buscar-me. Alegramo-nos muito com êsse reencontro e rumamos para a hospedaria do tio Augusto, onde me fôra preparado um bom quarto e eu me senti como em casa.

Foram semanas admiráveis as que ali vivi. A Exposição Internacional de Arquitetura estava admiràvelmente bem organizada, mas para ver-se tudo bem levar-se-ia semanas e também a 13 de outubro houve a inauguração do monumento da Batalha de Leipzig. Nessa ocasião eu tive a oportunidade de ver, pela primeira vez, o imperador Guilherme e também o rei Augusto, de Saxe. Para me aproximar do monumento, tive que arranjar, antes, uma licença policial. Sim, aquelas foram semanas tão magníficas que elas ficarão, para sempre, gravadas em minha lembrança.

Quando, depois, eu me despedi do meu amigo Richard, a fim de seguir para Dresde para assistir à inauguração do Hangar de Dirigíveis, disse-lhe que êle acertasse as contas com o seu tio e que o que ultrapassasse dos cinquenta marcos eu lhe pagaria ao que êle me retrucou que já tinha falado com o tio e que tudo já estava claro. Na manhã seguinte, quando eu procurei as contas com meu hospedeiro, êle me respondeu que já estava tudo em ordem; que Richard já havia feito as contas com muitos agradecimentos e um cordial reconhecimento. Existe ainda gente boa neste mundo! Despedi-me de todos e segui para Dresde. Nesse mesmo dia deu-se a inauguração do Hangar que era tão grande que abrigava, perfeitamente, dois dirigíveis "Zeppelin". Os dois dirigíveis que fizeram naquele dia a viagem de Dresde até Leipzig e vice-versa, com passageiros, denominavam-se "Rainha Vitória Luíza" e "Zepelin-Sachsen". Para festejar a inauguração, oito aviões sobrevoaram o hangar que encheram o ar de inúmeros balões de gás. Mais de 800 pombos correios foram soltos e sobrevoaram a local até se orientarem no destino às respectivas localidades de origem.

Depois da inauguração eu fui a Hellerau, uma pequena cidade-jardim, próxima de Dresde. Eu tinha uma encomenda do sr. A. Eicke, de Itajaí, para o seu cunhado Schütz, que era escrivão judicial em Dresde, ou nas imediações, não me lembro mais muito bem. Só sei que êsse senhor foi muito cordial e muito me ajudou. A minha vontade era encontrar emprêgo numa oficina de artes manuais. O sr. Schütz muito se interessou para que eu fôsse atendido, mas nada conseguimos. Quando nós conversáramos a primeira vez com o diretor dessa oficina, êle nos dera esperanças e disse-nos que voltássemos alguns dias mais tarde. O sr. Schütz, assim como as duas filhas mostraram-me tudo quanto era digno de ser visto em Dresde e tudo fizeram para que a minha permanência naquela cidade fôsse a melhor possível, pelo que, até hoje lhes sou sumamente grato. Quando, dias depois, voltamos ao diretor da oficina, recebi uma negativa. Eu não podia trabalhar ali porque era estrangeiro. Assim, fiquei ainda alguns dias na bela cidade de Dresde, recebendo um marco por dia da Associação dos Trabalhadores em Madeira, enquanto eu não arranjasse serviço. Depois preparei-me para prosseguir a viajem e fui até Magdeburgo, onde fiquei apenas dois dias, seguindo depois até Berlin. Ali procurei, primeiramente, o meu colega conterrâneo Franz Rotbart, de Blu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

menau. Êle já era conhecido em Berlin e me mostrou tudo quanto era de interessante. Passei em Berlin duas semanas. Depois segui para Kassel onde visitei o meu amigo blumenauense Bruno Hindelmeyer que trabalhava na firma Henschel & Sohn, como caldereiro. Ali me demorei apenas poucos dias e segui para Dusseldorf. Nessa cidade morava o meu primo Michel Kremer que era mestre de máquinas na laminação Tiessen. Êle arranjou-me trabalho até o inverno de 1913/14, quando iniciei a minha viagem de regresso a Blumenau. Aquêle inverno foi muito rigoroso. O Schlossteich ficou completamente gelado e eu ainda aprendi a patinar no gêlo, onde, apesar de todo o frio, a gente ainda sua. Eu morei em casa do meu primo. Era uma família muito amável e fêz tudo quanto foi possível para tornar a minha estada ali muito alegre. E eu senti-me muito satisfeito de conhecer uma indústria como aquela de laminação. Pude apreciar e admirar a extraordinária fôrça que era aqui empregada; vi como se fabricavam granadas e como eram moldadas as caldeiras a vapor. O próprio chefe, o velho general Tiessen, mostrou-me as maravilhas dali e conversava, de muita boa vontade comigo, sôbre o Brasil. E quando eu lhe contei que estava pronto para regressar ao Brasil, para casar-me, êle disse-me que eu poderia muito bem voltar casado para a Alemanha, trazendo comigo a minha mulher.

Mas, pouco tempo depois que eu chegara de volta a Blumenau, rebentou a primeira guerra mundial. Eu me casei a 15 de maio de 1915 e, em vez de voltar para a Alemanha eu fui para Itajaí.

Quando eu deixei a Siderúrgica Tiessen, fiz ainda uma viagem até Koblenz e visitei a velha Ritterburg Ehrenbratstein. Para passar a noite em Coblenza, um meu colega gaiato da Laminação me indicara que eu procurasse o n°. 4 da Rheinstrasse, que seria uma excelente estalagem e barata. Eu desci a margem esquerda do Reno, deixei a minha bagagem no guarda-bagagem da estação ferroviária, atravessei a ponte e lá perguntei a um guarda onde ficava a Rheinstrasse. Êle olhou-me com sorriso brejeiro e perguntou-me onde eu queria ir naquela rua. Era já tarde da noite. Eu disse-lhe que queria ir à hospedaria do n°. 4. "Ah, disse-me êle, é o "Schibkarrpass". Você dobre aquela esquina ali e procure o n°. 4. Aquilo vai lhe agradar". Eu encontrei, de fato, o número 4, mas não era nenhuma hospedaria, mas uma casa de mulheres, chamado cabaré. Logo se aproximaram de mim as mulheres, trataram-me amorosamente, sentaram-se comigo à mesa para beber um copo de cerveja. Eu bebi a minha cerveja e regressei pelo mesmo caminho por que viera e fui para o Hotel da Estação, onde passei o resto da noite e, na manhã seguinte, parti em direção a Karlsruhe e Freiburg em Brisgau. Freiburg também me agradou muito. Ali morava um primo meu que era diretor de uma cervejaria. Êle aconselhou-me a ficar ali e aprender a fabricar cerveja. Chamava-se Georg Bruechkeimer, e não tinha senão um filho adotivo. Êste morreu na guerra mundial. Freiburg é muito bonita e tem nas sargetas das ruas água corrente. É muito limpa. Mas, uma fôrça muito grande me atraía para Blumenau, para o Brasil.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC

SOCIEDADE COMERCIAL CATARINENSE LTDA.

«CASA BRUECKHEIMER»

DISTRIBUIDORES DE VELUDOS PARA

TAPEÇARIAS EM PADRONAGENS

COLONIAIS E LISAS!

PLÁSTICOS - TECIDOS - COUROS

RUA CAP. EUCLIDES DE CASTRO, 29 — FONE, 1975

BLUMENAU — SANTA CATARINA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Fereira da Silva - Blumenau - SC